



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE BACHAREL EM JORNALISMO**

Paloma da Silveira Fleck

**Rádio Mayrink Veiga: uma recuperação histórica
com base em registros da imprensa brasileira**

**Porto Alegre
2018**

Paloma da Silveira Fleck

**Rádio Mayrink Veiga: uma recuperação histórica
com base em registros da imprensa brasileira**

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto

Porto Alegre

2018

Paloma da Silveira Fleck

Rádio Mayrink Veiga: uma recuperação histórica
com base em registros da imprensa brasileira

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 10/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – UFRGS

Prof. Dra. Thais Helena Furtado – UFRGS

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto – UFRGS (orientador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Angela e Ivan, por priorizarem meus estudos, abrindo mão muitas vezes de investir neles para custear a qualidade da educação que tive até aqui. Espero estar correspondendo à altura. Agradeço também ao meu irmão, Alan, por ser um exemplo de dedicação para mim, quem me espelho para alcançar meus objetivos. Agradeço aos meus amigos e familiares, que entenderam este período sabático: se já era difícil me tirar de casa em condições normais de temperatura e pressão, trabalhando 48h por semana + TCC + aula foi uma tarefa quase impossível. Aos que insistiram, meu muito obrigada. Aos que não insistiram, meu muito obrigada também.

Agradeço ao professor Ferraretto por ser meu orientador não só nesta monografia como também em pesquisas de iniciação científica e monitorias desde 2014. A ele devo os créditos da minha afeição pelo rádio e de boa parte dos conhecimentos que adquiri nestes anos de faculdade – vide Roquette-Pinto: “Ensine quem souber, o que souber a quem não souber”. Agradeço também aos colegas do Núcleo de Estudos de Rádio (NER) por todo o conhecimento compartilhado nestes dois anos de parceria.

Agradeço aos professores Flávio Porcello e Thaís Furtado por aceitarem o convite para formarem a banca examinadora desta monografia. Estendo este agradecimento também a todos os professores que fizeram parte da minha formação na graduação.

RESUMO

Esta monografia se propõe a resgatar a história da Rádio Mayrink Veiga, importante emissora carioca que atuou de meados da década de 1920 até a primeira metade dos anos 1960, se destacando ao longo de sua trajetória como uma das estações mais importantes no âmbito do rádio espetáculo, como uma das pioneiras em uma “tradição do artista do rádio” (TAVARES, 1999, p. 180), e no cenário político brasileiro, sendo em sua última década a “extensão do pensamento” (MOREIRA, 1998, p. 64) de Leonel Brizola. Dentro dos aspectos que se pretende estudar está a implantação da emissora como ampliação dos negócios da loja de importação e exportação Mayrink e Veiga & Cia, o desenvolvimento como empresa radiofônica concorrencial e, por fim, a utilização de seus microfones para mobilização política. Para a reconstituição histórica, partiu-se de um levantamento realizado na Hemeroteca Digital Brasileira, acervo público e on-line de periódicos, mantido pela Biblioteca Nacional, além da pesquisa bibliográfica. Por um viés histórico, a base teórica ampara-se na economia política da comunicação referenciada por Vincent Mosco, afim de compreender a relação do rádio como negócio. Parte-se ainda no conceito de periodização proposto por Ferraretto (2012), que aponta quatro fases do rádio brasileiro, assentadas no posicionamento mercadológico do meio e diferenciações dos padrões de consumo, definidas como: implantação, difusão, segmentação e convergência. O objetivo desta pesquisa é apresentar um mapeamento desses achados, procurando analisá-los em relação ao contexto de época.

PALAVRAS-CHAVE: História do rádio; Rádio no Rio de Janeiro; Rádio Mayrink Veiga; Rádio como negócio Influência política

ABSTRACT

This monograph proposes to rescue the history of Radio Mayrink Veiga, an important radio station from Rio de Janeiro which broadcasted from the mid-1920s to the first half of the 1960s. It was recognized as one of the most important stations in the scope of the radio entertainment, and one of the pioneers in a "tradition of the radio artist" (TAVARES, 1999, p. 180). Radio Mayrink Veiga was also recognized in the Brazilian political scene, being known in its last decade as Leonel Brizola's "extension of thought" (MOREIRA, 1998, p. 64). Among the aspects to be studied is the implementation of the broadcaster as a business extension of the store Mayrink and Veiga & Cia, its development as a competitive radio company and, finally, the use of its microphones as a tool for political mobilization. The historical reconstitution was carried out by a survey in the Brazilian Digital Library - an online public collection of newspapers maintained by the National Library - and by bibliographical research. Because of a historical bias and in order to understand the relationship of the radio as a business, the theory is based on the political economy of communications referenced by Vincent Mosco. In addition, this study is also based on the concept of periodization proposed by Ferraretto (2012) which identifies four phases of radio in Brazil that are based on the market positioning of the medium and the differentiation of consumption patterns: implantation, diffusion, segmentation, and convergence. The objective of this research is to present an overview of these findings, aiming to analyze them in relation to the context of that period.

KEYWORDS: History of radio; Radio in Rio de Janeiro; Radio Mayrink Veiga; Radio as a business; Political Influence

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anúncio de venda de receptores de rádio pela Casa Mayrink Veiga.....	20
Figura 2 – César Ladeira no novo estúdio da Mayrink Veiga, em 1933	32
Figura 3 – Festa de comemoração do aniversário de dois anos da "nova Mayrink Veiga" .	33
Figura 4 – Cédula impressa na <i>Fon Fon</i> para votação no concurso	38
Figura 5 - Equipe do programa <i>Teatro pelos Ares</i> na premiação do concurso da <i>Fon Fon</i>..	40
Figura 6 - Artistas exclusivos e programas da Mayrink Veiga em 1938	42
Figura 7 - Cédula de votação do concurso radiofônico para eleger os melhores de 1942. .	51
Figura 8 - Vencedores do concurso radiofônico de 1945 da Revista <i>Fon Fon</i>.....	52
Figura 9 - Transmissores de 50 quilowatts da Mayrink Veiga inaugurados em 1950	56
Figura 10 - Anúncio de palestra de Brizola na Mayrink	61
Figura 11 - Anúncio do <i>Repórter Petrobrás</i> no <i>Jornal do Brasil</i>	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A DÉCADA DE 1920 E OS ANOS INICIAIS DA MAYRINK VEIGA.....	17
2.1 Contexto histórico: a implantação do rádio	17
2.2 A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Companhia	21
3 DÉCADA DE 1930 E O APOGEU DA RÁDIO MAYRINK VEIGA	27
3.1 O uso político do rádio no início dos anos 1930	27
3.2 A Fase César Ladeira da Rádio Mayrink Veiga	28
3.3 Mayrink Veiga e o “rádio broadcasting”	34
3.4 Revista <i>Pranove</i>, a continuação impressa da estação PRA-9	43
3.5 Concorrência com a Rádio Nacional e perda da hegemonia	45
4 OS ANOS FINAIS DA RÁDIO MAYRINK VEIGA	53
4.1 César Ladeira é contratado pela Rádio Nacional	53
4.2 TV Mayrink Veiga	58
4.3 Uma emissora a serviço de Leonel Brizola	60
4.4 A programação da Mayrink Veiga na gestão de Miguel Leuzzi	62
4.5 O envolvimento político e a cassação da outorga da Mayrink Veiga.....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

1 INTRODUÇÃO

*Rádio Mayrink Veiga: uma recuperação histórica com base em registros da imprensa brasileira*¹ se propõe a investigar a trajetória da Rádio Mayrink Veiga, importante emissora carioca que atuou por quatro décadas – entre meados da década de 1920 até 1965 –, alcançando o apogeu com programas musicais e de auditório, revelando “profissionais que se consagraram como radioatores, locutores, cantores” (MOREIRA, 1998, p. 61), e concluindo sua história como uma das mais importantes “mobilizadoras da opinião pública” no período que antecedeu o golpe militar (MOREIRA, 1998, p. 60). Para alcançar tal propósito, foi feito um levantamento em jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira². Mantido pela Biblioteca Nacional, o acervo público **on-line** de periódicos escaneados possibilita o acesso a informações históricas de maneira facilitada, permitindo a procura através de palavras-chave. Para o estudo pretendido, utilizou-se uma combinação dos termos “rádio”, “estação” e “Mayrink Veiga”, além dos nomes de profissionais e programas da emissora. O mecanismo oferece opções de busca por periódico, por região/local da publicação e por período. Esse último foi o método selecionado para a pesquisa, na qual priorizou-se as quatro décadas em que a Rádio Mayrink Veiga esteve no ar.

A pergunta norteadora deste trabalho é como surgiu e se desenvolveu a Rádio Mayrink Veiga ao longo de sua trajetória. Procurou-se resposta em periódicos de época por se entender que são registros de fatos históricos e uma importante fonte de recuperação de dados, os quais não poderiam ser localizados de outra maneira. O objetivo desta pesquisa, portanto, é apresentar um mapeamento desses achados e relacioná-los ao contexto de época. Para melhor exposição dos resultados encontrados na pesquisa e a fim de sustentar os objetivos específicos desta monografia, foram destacados em capítulos, sem pretender fazer uma periodização histórica, três momentos distintos da trajetória da Rádio Mayrink Veiga:

1) *os anos iniciais*, na década de 1920, retratando a implantação da rádio e como eram as primeiras programações;

2) *o apogeu* da emissora, com os programas de variedades na década de 1930 e início dos anos de 1940, abordando quais foram os fatores que determinaram a hegemonia da emissora nesta fase, destacando profissionais, conteúdos e estratégias mercadológicas utilizadas pela empresa;

¹ Este trabalho é resultado de uma série de questionamentos provocada pela participação da autora como bolsista de iniciação científica no projeto *Dos Hertz aos bytes: uma história do rádio brasileiro* coordenado por seu orientador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Serviço pode ser acessado no endereço: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

3) *os anos finais* e o fechamento da emissora, com a cassação da outorga no início da Ditadura Militar, e de que forma o envolvimento político de Leonel Brizola com a Mayrink Veiga influenciou neste desfecho.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa ampara-se na economia política da comunicação, considerando os apontamentos de Vincent Mosco de que “economia política é o estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder, que mutuamente constituem a produção, distribuição e consumo de recursos” (MOSCO, 1998, p. 98). Ou ainda como complementa o autor em uma definição “mais genérica e ambiciosa” é “o estudo do controle e sobrevivência na vida social” (MOSCO, 1998, p. 98). Conforme Virgínia Fonseca (2007, p. 3), o aparecimento das indústrias da mídia no século XX é que teria provocado a aproximação dos estudos da economia política com a comunicação. Conforme a autora, as teorias desta vertente crítica constituem perspectivas produtivas e pertinentes para se refletir processos de mudanças e servem de referência “para compreender as corporações midiáticas como objeto de estudo, levando questões como: sua história, seus pressupostos, suas vertentes e seus objetos de estudo” (2007, p. 2).

Mosco ainda destaca (1996, p. 27-38) que os estudos sobre a economia política da comunicação transitam dentro de quatro aspectos gerais, tidos como básicos:

1) a *mudança social e transformação histórica*, que passa por um exame da dinâmica do sistema capitalista;

2) a *totalidade social*, que é o elo dos campos econômico, político, social e cultural, compreendendo o objeto de estudo em um contexto mais abrangente;

3) a *filosofia moral*, que influencia as tomadas de decisões do comportamento humano, de acordo com posições éticas a respeito de práticas econômicas e políticas, muitas vezes mascaradas pelos envolvidos;

4) e a *questão da práxis social*, ou seja, a relação que se estabelece entre o ser humano e o seu entorno, produzindo e transformando o mundo e a si mesmo.

Pesquisar uma emissora de rádio usando como base a economia política da comunicação é considerar a centralidade das mudanças sociais e históricas e, desta forma, compreender o contexto econômico e político do fenômeno estudado. Entre as características listadas, portanto, incide sobre esta pesquisa uma relevância maior na mudança social e a transformação histórica, além da totalidade social.

Em combinação com a base teórica utilizada, o referencial metodológico desta pesquisa recorre ao estudo dos enfoques históricos dos meios de comunicação descritos por Michael Schudson (1993), que diferencia em três tipos os trabalhos produzidos no âmbito da história da comunicação:

1) *a macrohistória*, que relaciona os meios de comunicação com a evolução humana (SCHUDSON in JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 213);

2) *a história propriamente dita*, que faz a relação dos meios de comunicação com a sociedade em si, considerando a história cultural, política, econômica ou social (SCHUDSON in JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 214);

3) *história das instituições*, que objetiva responder a pergunta “de que modo se desenvolveu esta (ou aquela) instituição de comunicação de massa?” (SCHUDSON in JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 214).

Este último foi priorizado para esta pesquisa, levando em conta o objeto de estudo. No entanto, leva-se em consideração o alerta de Schudson de que os estudos exclusivamente dentro deste enfoque se apoiam nos arquivos oficiais das organizações empresariais e ignoram o impacto sobre a sociedade, correndo o risco de se converter “em um desfile de personagens e readequações organizativas” (SCHUDSON in JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 216). Conforme Schudson (In: JANKOWSKI; JENSEN, 1993, p. 215), as forças sociais externas são levadas em consideração apenas quando afetam a instituição; ou seja, os efeitos da indústria sobre a sociedade, em geral, não são investigados.

Com relação à metodologia em si, esta monografia se fundamentou na pesquisa bibliográfica, a fim de estudar o que já havia sido escrito sobre a Mayrink Veiga, e na análise documental, considerando-se como tal, pela especificidade dos objetivos, os periódicos. Conforme Ida Regina Stumpf (2005, p. 51), a pesquisa bibliográfica é o conjunto de procedimentos que visa identificar informações, selecionar documentos relacionados ao tema em questão e realizar o fichamento das referências. As leituras – que devem ser realizadas em todas as fases do estudo – servem também para localizar um “ponto obscuro” sobre o tema, isto é, um assunto ou um ponto de vista que ainda não foi explorado pela ciência (STUMPF, 2005, p. 53). Stumpf enfatiza que, “todo auxílio externo que conseguir é uma complementação à bagagem pessoal do pesquisador e um enriquecimento à análise que pretende elaborar” (STUMPF, 2005, p. 54). A revisão da literatura auxiliou no entendimento do contexto histórico dos documentos localizados, ajudando a interpretar e explicar alguns dos dados que foram recuperados na Hemeroteca Digital. Os resultados encontrados nos veículos impressos que correspondiam ao interesse da pesquisa foram coletados, sistematizados cronologicamente e contextualizados. Seguiu-se, desse modo, duas recomendações de Sonia Virgínia Moreira a respeito da análise documental:

As Ciências Sociais valeram-se desde sempre da análise de documentos como peça de referência dos estudos sobre a sociedade, ao lado de outras técnicas de investigação. Para o historiador, o documento representa o fio da meada, indispensável referência para o correto registro histórico [...]. (MOREIRA,

2005, p. 269). Conforme explica a própria designação, a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. (MOREIRA, 2005, p. 271).

Cabe observar que, como destaca Moreira (1998, p. 69), a Mayrink teve sua outorga cassada por motivos políticos em 1965, nos primeiros momentos da ditadura instaurada no ano anterior, sofrendo um processo denominado por Nascimento (2002, p. 139) como de “destruição massiva” de seus arquivos. Conforme Moreira (2005 p. 276), a análise documental é a aferição de documentos, compreendida em dois momentos: primeiramente de coleta dos dados e, a partir disso, de análise crítica do material. As duas etapas se completam e se condicionam mutuamente, uma vez que os documentos são fontes de dados brutos e a análise tem a finalidade de atribuir aos achados um significado. A análise documental, de acordo com a autora, “consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos” (MOREIRA, 2005, p. 276).

Acrescenta-se como justificativa para a realização desta monografia a escassez de trabalhos relacionados exclusivamente à Rádio Mayrink Veiga nos acervos digitais de universidades. Procurou-se por trabalhos nas instituições de ensino do Rio de Janeiro, destacando a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Pontifícia Universidade Católica do RJ (PUCRJ), e também em universidades do Rio Grande do Sul, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nas plataformas Sabi e Lume; a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS). Também foram utilizados mecanismos de busca de estudos científicos na internet, como o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTC) e também trabalhos que tenham sido apresentados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Apenas duas obras foram localizadas a respeito: *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*, de Márcio dos Santos Nascimento (2002), que é a reprodução da dissertação de mestrado do autor no curso de Memória Social e Documento da então Universidade do Rio de Janeiro³ (UNIRIO); e *Pelas ondas da Mayrink*, de Norma Hauer (2011), de cunho quase memorialístico.

Também cabe destacar a falta de consenso de datas e dados encontrados na bibliografia do rádio brasileiro que contempla a história desta importante estação carioca. Uma das divergências encontradas na literatura é a respeito da data de fundação da rádio. Sérgio Cabral (1996,

³ Atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

p. 10) observa que, no Rio de Janeiro, as rádios Sociedade e Clube do Brasil “atuaram sozinhas até janeiro de 1926, quando foi fundada a Rádio Mayrink Veiga”. Já o crítico musical José Ramos Tinhorão (1981, p. 44) aponta o ano de 1927 como de início. Indicação semelhante faz Saint-Clair Lopes (1970, p. 37), o mesmo acontecendo com o Octavio Augusto Vampré (1979, p. 42). A pesquisadora Sonia Virgínia Moreira (1998, p. 61), aponta que “a história da rádio começou em 20 de janeiro de 1926”. Esta mesma data aparece como da fundação em uma escritura pública de reorganização da emissora, transcrita por Márcio Nascimento (2002, p. 77-78). O mesmo acontece com o registro do fim da Rádio. Nascimento (2002, p. 129) coloca como título do penúltimo capítulo de sua dissertação como “O fechamento da emissora em julho de 1965”. Já Norma Hauer (2011, p. 129) afirma que “ela ainda ficou no ar aos trancos e barrancos até novembro de 1965”.

Na tentativa de traçar a trajetória da Rádio Mayrink Veiga, esta pesquisa ampara-se, na periodização do rádio brasileiro proposta por Ferraretto (2012). O princípio organizativo desta periodização é sustentado no posicionamento mercadológico do meio e em diferenciações dos padrões de consumo, sendo definido em quatro fases:

1) *Fase de implantação*, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930, que corresponde à instalação das estações pioneiras, organizadas pela burguesia sob a forma de clubes e sociedades com pretensão de difusão de seus valores culturais, além de um certo entusiasmo tecnológico;

2) *Fase de difusão*, sob a hegemonia do rádio comercial, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960. Com possibilidade de exploração comercial, as emissoras se estruturam como negócio comunicacional que gera lucro. O mercado é caracterizado pela vigência do capitalismo competitivo ou liberal;

3) *Fase de segmentação*, do final da década de 1950, quando a televisão é introduzida no país e, na sequência, momento em que este novo meio passa a dominar a captação de verbas publicitárias, altera-se a conformação do rádio brasileiro. Para suprir as perdas para a tecnologia concorrente, o rádio se obriga a oferecer conteúdo diferenciado e se reinventa na figura do comunicador e na proximidade com o ouvinte em aparelhos portáteis. Esta fase se estende até o início dos anos 2000;

4) *Fase de convergência*, de meados da década de 1990 até a atualidade, com a redefinição das transmissões radiofônicas para além das ondas hertzianas. As emissoras passam a buscar novas formas de comercialização e é identificado uma indefinição, no âmbito do negócio, sobre o futuro das transmissões **on-line** e de suas possibilidades de comercialização.

A Rádio Mayrink Veiga foi criada no período histórico de implantação do rádio no Brasil, sendo a primeira emissora carioca que não foi fundada como um **hobby** dos integrantes da burguesia que se organizavam, na época, em clubes e sociedades com pretensão de difundir seus valores culturais – conduta nomeada por Ferraretto (2012, p. 9) como *associativismo idealista de elite*. Conforme Sonia Virgínia Moreira (2002-2003, p. 44), a rádio foi criada pela empresa de importação e exportação de produtos eletrônicos Mayrink Veiga & Cia. Popularmente conhecida como Casa Mayrink Veiga, a loja era localizada na região portuária da Praça Mauá, na então rua Municipal, no Rio de Janeiro e, “alguns anos depois a rua teve o nome trocado para o da rádio” (MOREIRA, 2002-2003, p. 44). Até então, o estado fluminense contava com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 por Edgard Roquette-Pinto, e o Rádio Clube do Brasil, criado por Elba Dias em 1924. O ofício comercial da família Mayrink Veiga fez com que a rádio apresentasse, já em seus anos iniciais, características reinantes do período de difusão – segunda fase da periodização proposta por Ferraretto (2012).

É a partir de 1930 que a Mayrink Veiga se consolida como hegemônica no meio. Segundo escreveu Márcio Nascimento (2002, p. 79), o ano de 1933 é considerado “o divisor de águas” para a Mayrink, vindo a ser a primeira rádio a permanecer ininterruptamente no ar e também uma das primeiras a regularizar o expediente dos artistas, oferecendo contratos de trabalho exclusivo: “ao funcionário dava-se o direito de comparecer à estação somente nos dias e horários previamente marcados, sendo que os salários permaneciam fixos” (NASCIMENTO, 2002, p. 79). Esta mudança estrutural da rádio é creditada à contratação do **speaker** César Ladeira, que até então trabalhava na Rádio Record de São Paulo, para diretor da emissora. De acordo com Reynaldo Tavares (1999, p. 180), a repercussão das novas medidas adotadas por Ladeira na Rádio Mayrink Veiga foi imediatamente sentida no mercado, uma vez que as demais emissoras passaram a adotá-las – para não dizer copiá-las – em todo o país. A emissora foi destaque com programas de variedades, recrutando alguns dos principais astros e estrelas do cenário musical e, dessa forma, “alimentando e renovando o arsenal de talentos dos mais variados gêneros” (NASCIMENTO, 2002, p. 84).

Em 1932, após o Decreto 21.111, que regulamenta a publicidade radiofônica, as emissoras começaram a se estruturar como negócio comunicacional lucrativo (FERRARETTO, 2012, p. 11). O gerenciamento da indústria de rádio ficou mais agressivo com as concorrentes, e foi deflagrado um meio competitivo “onde valia tudo e onde o poder econômico mais alto vencia” (FEDERICO, 1982, p.58), tal caso que, na década de 1940, a Mayrink Veiga perdeu seu elenco estrelado e sua hegemonia para a também carioca Rádio Nacional. Após 20 anos

sem alçar protagonismo no dial radiofônico, na década de 1960 a emissora – não mais administrada pela família Mayrink Veiga – foi palco de disputa política e passou a funcionar como “extensão do pensamento” do ex-governador gaúcho Leonel Brizola (MOREIRA, 1998, p. 64). A outorga da emissora foi cassada em 1965, sendo “uma das primeiras vítimas do novo regime que se instalou no país” (MOREIRA, 1998, p. 69). Conforme Moreira (1998, p. 71), muitos arquivos sonoros e documentos da Mayrink Veiga foram perdidos quando a rádio foi fechada e, por isso, existe uma deficiência de dados referentes à emissora.

2 A DÉCADA DE 1920 E OS ANOS INICIAIS DA MAYRINK VEIGA⁴

Este capítulo tem o propósito de resgatar a história inicial da Rádio Mayrink Veiga, na década de 1920. Apesar da data da primeira transmissão da emissora ainda ser uma dúvida a ser esclarecida, a pesquisa expõe dados publicados em jornais que indicam um funcionamento da rádio anterior aos anos de 1926 e 1927, referidos na bibliografia existente como os da sua fundação.

2.1 Contexto histórico: a implantação do rádio

Para compreender o momento do rádio brasileiro na década de 1920, considera-se a vigência da fase de implantação, nomenclatura proposta por Ferraretto (2012), a qual se estende do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930, correspondendo à instalação das estações pioneiras. Conforme Maria Elvira Bonavita Federico (1982, p. 32), o rádio nesta época tem caráter de “experimento laboratorial”:

Foi nesse período que telegrafistas, radiotelegrafistas, (amadores e profissionais) e alguns intelectuais da nossa sociedade passaram a se reunir em sociedades denominadas Rádios Sociedades e Rádios Clubes onde eles discutiam os avanços da radioeletricidade e da radiotelefonia, utilizando-se para isso de literatura estrangeira, tanto proveniente da Europa como dos Estados Unidos. (FEDERICO, 1982, p. 32).

Neste período, o rádio se constrói como uma tecnologia cara – “era acessível apenas às pessoas com alto poder aquisitivo” (MOREIRA, 1991, p. 16). De acordo com Ferraretto (2009, p. 97), cada sócio das agremiações radiofônica pagava, além do valor inicial, uma mensalidade que mantinha o funcionamento das transmissões. Estas entidades, segundo Federico (1982, p. 33), “tinham a finalidade, além de divulgar os conhecimentos sobre o rádio, de angariar novos adeptos e até mesmo propiciar-lhes treinamento para se constituírem em pelo menos em radio-escutas”. Em primeiro momento, estes pioneiros se organizam sem interesse econômico ou político, mas sim como um **hobby** e com pretensão educativo-cultural de difusão dos valores da época (FERRARETTO, 2014, p. 12).

O amadorismo do período é explicado também pelo tipo de curiosidade gerada pelo rádio no imaginário da parcela da elite brasileira atraída pela possibilidade de captar irradiações

⁴ Este capítulo é uma ampliação do artigo *A fase inicial da Rádio Mayrink Veiga (década de 1920): uma reconstrução histórica a partir da imprensa da época*, apresentado em 6 de setembro de 2018 na 14ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Joinville - SC e promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

provenientes, inclusive, de outros países. Trata-se de processo semelhante ao identificado por Renato Ortiz (1994, p. 32) em outros fatos da época:

A ideia de moderno se associa a valores como progresso e civilização; ela é, sobretudo, uma representação que articula o subdesenvolvimento da situação brasileira a uma vontade de reconhecimento que as classes dominantes ressentem. Daí o fato de essa atitude estar intimamente relacionada a uma preocupação de fundo, o que diriam os estrangeiros de nós, o que reflete não somente uma dependência aos valores europeus, mas revela o esforço de esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado.

Entre os signos de modernização da cidade do Rio de Janeiro nesta época está o advento da eletricidade nas casas e nas ruas e a remodelação urbana norteados por um “frenesi com que se vive a agitação dos novos tempos” (ORTIZ, 1994, p. 31-32). Conforme Moreira (2002-2003, p. 43), o rádio aparece na cidade carioca em meio a esse espírito de modernização urbana, como meio de comunicação tradutor por excelência do “novo” que começava a ser mostrado à sociedade naquele início do século XX. A então capital federal aspirava romper com o passado colonial. Destaca-se, neste sentido, o desmonte do Morro Castelo em 1922, local onde foi instalada parte da Exposição Internacional do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2002-2003, p. 43).

Berço da cidade, referência constante no cotidiano da capital desde os tempos coloniais, o ‘velho’ Castelo estava associado a uma tradição e a um passado que deveriam necessariamente ser repensados em um contexto de comemoração do Centenário da Independência. (MOTTA, 2002, p. 207, apud MOREIRA 2002-2003, p. 43).

A realização em 1922 da Exposição tinha o objetivo de validar a pujança nacional e serviria como mostruário do progresso vindo do exterior (FERRARETTO, 2014, p. 12). A burguesia com pretensão de modernização correspondia ao interesse de expansão multinacional dos Estados Unidos. Na tentativa de entrar no mercado brasileiro, duas indústrias estadunidenses instalaram estações de transmissão de rádio para demonstração de aparelhos – a *Westinghouse Electric and Manufacturing Company*, no Corcovado, e a *Western Electric Company*, na Praia Vermelha. De acordo com Ferraretto (2014, p. 15), estas demonstrações públicas conseguiram fomentar ou reforçar a curiosidade dos aficionados pelo novo meio.

A demonstração promovida pelo capital norte-americano atingiria o seu objetivo, despertando o interesse dos pioneiros do rádio no Brasil, reunidos entorno de Edgard Roquette-Pinto. Com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada no ano seguinte, começa efetivamente a trajetória da radiodifusão sonora no país. (FERRARETTO, 2007, p. 94).

Independentemente da discussão de a Rádio Sociedade ser ou não a primeira emissora do Brasil, o papel de Roquette-Pinto como entusiasta do meio foi o impulsionador da trajetória

da radiodifusão sonora no país e, mais tarde, ele “seria conhecido como pai do rádio brasileiro” (FERRARETTO, 2007, p. 95). A preocupação do pioneiro carioca era de difundir educação e cultura de fácil acesso à maioria da população, ajudando a resolver problemas educacionais no país, no entanto, as condições de acesso faziam com que o novo meio refletisse um nível de cultura compatível com o da elite, que era quem podia adquirir aparelhos na época (MOREIRA, 1991, p. 17).

A programação da Rádio Sociedade, e de outras emissoras que a seguiram na década de 1920, era composta basicamente de músicas de caráter erudito e palestras de formação e instrução específicas (FEDERICO, 1982, p. 49). A produção dos programas era simples, resultado, segundo Moreira (1991, p. 22), da falta de investimento do setor: “ao ouvinte cabia também a função de programador musical. [...] A elite da época, que possuía meios para adquirir um aparelho, gostava de ópera, possuía em casa discos de ópera” (MOREIRA, 1991, p. 16). O caráter elitista já desagradava alguns dos que começavam a se dedicar ao novo meio. A respeito, Renato Murce, radialista que iniciou sua carreira em meados dos anos 1920, destaca que a programação com tal teor não permitia, nesta fase inicial, a popularização do rádio necessária para sua expansão: “Nada de publicidade, nada de música popular (em samba então, nem era bom se falar), nada daquilo que, de algum modo, desvirtuasse ou atingisse as boas intenções” (MURCE, 1976, p. 19).

No começo, pretendiam impor o rádio apenas como veículo de um tipo de cultura, com uma programação quase que só de música erudita (da qual quase ninguém gostava), conferências maçantes, palestras destituídas de qualquer interesse, enfim, um rádio sofisticado para meia dúzia de “crentes”, não atingindo a massa. (MURCE, 1976, p. 19).

Segundo Ferraretto (2009, p. 98), as transmissões ocorriam, em geral, à noite e em dias esparsos, sem uma continuidade entre um conteúdo e outro, assim, após conferências científicas, por exemplo, seguiam-se minutos de silêncio até a organização de uma próxima atração, “podendo ocorrer mesmo a afinação do instrumento à frente do microfone” (FERRARETTO, 2009, p. 98).

O rádio na década de 1920, portanto, se constitui como “um passatempo da elite em uma sociedade que começa a se urbanizar” (FERRARETTO, 2007, p. 99). Com o interesse da burguesia brasileira pelo rádio, não demorou muito tempo para que empresas nacionais passassem a importar aparelhos para vender ao público. Um dos exemplos é a firma carioca de exportações e importações Mayrink Veiga & Companhia, que vendia equipamentos radiofônicos na popularmente conhecida Casa Mayrink Veiga, onde, mais tarde, iria instalar a sua estação. A situação é semelhante ao que descreveu Ferraretto (2002, p. 102-106) sobre a fundação, em

1934, da Rádio Difusora – emissora gaúcha que teria nascido como uma empresa visando gerar lucro e que servia de referência para sintonia dos receptores postos à venda:

[O empresário Arthur Pizzoli] trabalhando na Casa Coates, começou a vender receptores de rádio. E, então, era necessário testar os aparelhos, sintonizando uma emissora. Mas acontecia, à época, esta história das emissoras saírem do ar parte da tarde. A Gaúcha ficava, relativamente, pouco tempo no ar. Então, teria ocorrido a ele, Pizzoli, a ideia de construir ou então comprar um transmissor, através do qual os vendedores testavam os aparelhos receptores para vendê-los. (CÂNDIDO NORBERTO DOS SANTOS, 1999, apud FERRARETTO, 2002, p. 102).

No Rio de Janeiro, ainda na década de 1920, a Casa Mayrink Veiga era uma das principais lojas que contribuía com a difusão do rádio, como chega a destacar o jornal *Correio da Manhã* (4 maio 1929, p. 11) numa clara associação entre as irradiações e a comercialização de aparelhos:

Essa firma, uma das que mais tem contribuído para a difusão do radioamadorismo entre nós, mantém uma estação transmissora de 500 watts de potência instalada no seu estabelecimento comercial [...]. Nossos leitores, possuidores que são de receptores de rádio, têm sempre ocasião de apreciar o ótimo serviço de **broadcasting** que a firma Mayrink Veiga mantém [...]. A firma oferece aos seus visitantes o espetáculo do que há de mais perfeito e moderno em matéria de rádio e de fonografia, na associação de ambos, realizada pelo conjunto Pooley, composto de um receptor Atwater Kent, com alto-falante eletrodinâmico [...]. Encontram-se também representados no mostruário da firma Mayrink Veiga os receptores marca Day-Fan, de superior qualidade, assim como os aparelhos Stwater Kent, dos quais tem a representação.

RADIO

**SORTIMENTO COMPLETO DE MATERIAL RECEPTOR
E TRANSMISSOR**

PREÇOS SEM COMPETIÇÃO

Receptores, desde	25\$000
Phones duplos, desde	35\$000
Valvulas 201	30\$000
Plugs, desde	4\$000

Receptores ATWATER KENT — os mais selectivos e de maior alcance
Visitem a nossa secção de radio

MAYRINK VEIGA & Co.

RUA MUNICIPAL, 21
RIO DE JANEIRO

Figura 1 – Anúncio de venda de receptores de rádio pela Casa Mayrink Veiga (O JORNAL, ago. 1925, p. 10)

2.2 A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Companhia

Ao vender aparelhos radiofônicos, a Casa Mayrink Veiga teve a necessidade de criar uma rádio própria para que os compradores tivessem mais uma emissora para sintonizar, e a loja mais uma estação para captar no mostruário. Até então, o Rio de Janeiro contava com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 por Edgard Roquette-Pinto, e o Rádio Clube do Brasil, criado por Elba Dias em 1924. Em termos de datas do começo da Mayrink Veiga, é conveniente explicitar o que registram algumas obras a respeito. Pesquisadores não propriamente acadêmicos, os primeiros a oferecerem indicações sobre o assunto, divergem a respeito do surgimento da Mayrink. O escritor, compositor e jornalista Sérgio Cabral (1996, p. 10) observa que, no Rio de Janeiro, as rádios Sociedade e Clube do Brasil “atuaram sozinhas até janeiro de 1926, quando foi fundada a Rádio Mayrink Veiga”. Conforme o mesmo autor, a emissora chegaria a ser, na década seguinte, a de maior audiência na então capital federal (CABRAL, 1996, p. 39). Já José Ramos Tinhorão (1981, p. 44) aponta o ano de 1927 como da fundação, acrescentando que a emissora de propriedade da Casa Mayrink Veiga recebe, de início, o prefixo PRAK, logo substituído pelo PRA-9. Indicação idêntica faz Saint-Clair Lopes (1970, p. 37) e Octavio Augusto Vampré (1979, p. 42). Uma das fundadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Sonia Virgínia Moreira (1998, p. 61) aponta: “A história da rádio começou em 20 de janeiro de 1926, quando entrou no ar com o prefixo provisório SOAJ”. Segundo Moreira, o proprietário da Casa Mayrink Veiga, o comendador Antenor Mayrink Veiga, decidiu investir no novo meio de comunicação que surgia, sem ideia definida para a emissora: “Por isso, na sua fase inicial, a Mayrink funcionou de forma amadora (poucas horas no ar, sem programação definida), tratada como mais um departamento do estabelecimento comercial da família” (MOREIRA, 1998, p. 61).

Em uma escritura pública de reorganização da emissora, assinada em 1933, consta que Rádio Sociedade Mayrink Veiga foi fundada em 20 de janeiro de 1926. O documento encontra-se no Arquivo Nacional na Divisão de Documentos Escritos e foi transcrito por Márcio Nascimento (2002, p. 77-78). Segundo o autor, o documento seria uma “prova segura diante da discrepância de datas atribuídas à fundação da Rádio Mayrink Veiga” (NASCIMENTO, 2002, p. 78):

Saibam quantos esta lerem que, no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1933, aos vinte e três dias do mês de maio, nesta cidade do Rio de Janeiro, capital da República dos Estados Unidos do Brasil, em um cartório perante a mim, Alvaro Rodrigues Teixeira Tabelaio, compareceram partes justas e contratadas como outorgantes e reciprocamente outorgados Antenor Mayrink Veiga, Lafayette Gomes Ribeiro e Joaquim Antunes; brasileiros, casados, domiciliados nesta capital e reconhecidos como os próprios pelas testemunhas no fim desta. Assinadas estas por mim, Tabelaio, do que dou fé de me haver sido esta escritura distribuída pelo bilhete que fica arquivado. E, perante as mesmas

testemunhas, pelos outorgantes e reciprocamente outorgados me foi dito que, sendo únicos sócios da sociedade civil com sede nesta capital sob a denominação de Rádio Sociedade Mayrink Veiga, fundada em vinte de janeiro de mil novecentos e vinte e seis, têm visto contratado reorganizar a mesma sociedade como pela presente para reorganizar passando a mesma a reger-se pelas disposições do código civil que lhe forem aplicáveis.⁵

No entanto, há registros em jornais anteriores ao ano de 1926, com a denominação de Estação Mayrink Veiga, que indicam transmissões regulares precedentes à formalização da emissora descrita no documento localizado por Nascimento. A nomenclatura de “Estação” foi utilizada em divulgação da programação da rádio em jornais até o dia 24 de janeiro de 1926, transcrito a seguir:

A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Cia, instalada à rua Municipal n. 21, fará hoje, das 14 às 16 horas, a irradiação habitual de escolhidos discos. — Com o concurso de festejados musicistas, a Estação Mayrink Veiga transmitirá, amanhã, das 19 às 21 horas, o seguinte programa [...]. (A MANHÃ, 24 jan. 1926, p. 4).

A partir de 28 de janeiro, há a troca da denominação para Rádio Sociedade Mayrink Veiga, com a observação de que seria então uma estação experimental de transmissão da firma Mayrink Veiga & Cia. O endereço da rádio curiosamente também sofre uma mudança, passando de nº 21 ao 15, na rua Municipal, Rio de Janeiro:

A Rádio Sociedade Mayrink Veiga, utilizando-se da estação experimental de transmissão da firma Mayrink Veiga & Cia., instalada à rua Municipal, n. 15, irradiará hoje, quinta-feira, das 19 às 21 horas, interessante programa litero-musical, em que tomam parte a escritora sra. Rosalina Coelho Lisboa e os musicistas, senhorita Cecilia Rudge e sr. Adacto Filho. (O JORNAL, 28 jan. 1926, p. 8).

A partir disso, pode se aventar que a emissora tenha sido montada inicialmente como uma estação não-regular da Mayrink Veiga & Cia para comercialização de receptores. Em janeiro de 1926, apontam os indícios existentes, a emissora foi regularizada, trocando de nome de Estação Mayrink Veiga para, como suas congêneres da fase de implantação, Rádio Sociedade Mayrink Veiga – mesmo que sua organização seja de propriedade da família homônima e não de uma associação de radioamadores da época.

Embora tenha sido buscado registros de jornais da década de 1920 disponíveis na Hemeroteca digital, a data da primeira transmissão não foi localizada durante a pesquisa desta monografia. Em um artigo de homenagem publicado no *Jornal do Brasil* no dia em que foi decretada a cassação da outorga da emissora pela Ditadura Militar, em julho de 1965, consta

⁵ Este e os demais trechos de textos anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990 tiveram sua grafia adaptada às normas atuais. Foram corrigidos, ainda, erros na utilização da Língua Portuguesa e/ou eventuais falhas de composição.

que a rádio tinha 40 anos e que seu início aconteceu em 1924 por iniciativa de Alfredo Mayrink Veiga, que contou para a instalação “com todo o material importado do exterior” e a estação “com o correr do tempo transformou-se num veículo poderoso de informação e programação” (JORNAL DO BRASIL, 1965, p. 11). Em periódicos da época, o primeiro indício de transmissão da Mayrink Veiga foi encontrado no jornal *A Noite*, edição de 16 de novembro de 1925, e indica transmissões anteriores que haviam sido interrompidas para realização de modificações da emissora:

A estação irradiadora Mayrink Veiga & Cia., que há tempos começara a funcionar, foi radicalmente modificada e recomeçará a irradiar normalmente ainda esta semana. Foi aumentada sua força para 50 Watts e a sua onda para 260 metros. A Estação Mayrink Veiga irradiará diariamente notícias de interesse geral, que lhe serão fornecidas pela *A Noite*, e é a noite, das 6 às 8 horas, músicas, canto e notícias”. (A NOITE, 16 nov. 1925, p. 6).

O jornal *A Noite* não só foi um importante divulgador da programação da Mayrink Veiga nesta época, como também era fonte das notícias que iam ao ar ao microfone da rádio no início da noite. Curiosamente, mais tarde, em setembro de 1936, o grupo que editava o vespertino iria inaugurar uma emissora própria, a Rádio Nacional, a grande concorrente da Mayrink Veiga (FERRARETTO, 2007, p. 110).

A edição de *A Noite* do dia 7 de dezembro de 1925 divulgou a inauguração oficial da Estação Mayrink Veiga, que aconteceria naquele dia. Neste trecho, publicado na página 6, o periódico destaca a preocupação da emissora em realizar uma programação especial de inauguração, mesmo não sendo, de fato, a sua primeira transmissão. O evento aconteceria naquela tarde com uma palestra da escritora e ativista política Rosalina Coelho Lisboa. Além disso, explicita a realização de irradiações anteriores a esta data, incluindo noticiários a respeito do Campeonato Sul-americano de Futebol:

Com um programa variado e muito interessante, será oficialmente inaugurada hoje à tarde, a estação irradiadora da firma Mayrink Veiga. Há já muitos dias, como aliás os leitores sabem, pois o noticiamos, que a estação Mayrink Veiga está funcionando normalmente e com absoluto êxito. Por seu intermédio, já em dois domingos foram irradiadas as informações que *A Noite* recebeu de Buenos Aires, do seu enviado especial, sobre os jogos do Campeonato Sul-Americano de Futebol. Tornava-se, porém, necessário fazer a inauguração oficial dessa estação, que se pode considerar nacional, pois que foi montada, inteiramente, na seção de rádio daquela acreditada firma. Entre os números do programa de inauguração consta uma palestra pela notável escritora Sra. Rosalina Coelho Lisboa. O programa da inauguração da estação Mayrink Veiga será irradiado das 3 horas às 5 da tarde. (A NOITE, 7 dez. 1925, p. 6).

Ainda em dezembro de 1925, no dia 17, a programação da Mayrink Veiga foi capa do periódico *O Jornal*. O destaque trazia informações de que seria irradiado naquela quinta-feira

um noticiário a respeito do jogo entre as seleções de futebol do Brasil e do Paraguai, no Campeonato Sul-Americano. As informações eram do correspondente do jornal *A Noite*. Pelo descrito, especula-se que a transmissão das informações da partida tenha ocorrido com base na leitura de telegramas enviados de Buenos Aires pelo repórter ao vespertino e que eram lidos ao microfone da emissora. Em uma programação diversificada, no mesmo dia ainda seria irradiado mais uma palestra com a escritora Rosalina Coelho Lisboa, além de apresentações de música clássica.

A estação transmissora da firma Mayrink Veiga & Cia., com onda de 260 metros, irradiará, hoje, o noticiário do encontro das seleções brasileira e paraguaia, em Buenos Aires. A partir das 19 horas, será irradiado um programa literário-musical, em que tomarão parte a escritora Rosalina Coelho Lisboa e as senhoritas Olga Flores e Gizella de Souza, que executarão solos de violino e piano. (O JORNAL, 17 dez. 1925, p. 1).

Rosalina Coelho Lisboa é destaque em inúmeras programações irradiadas pela Mayrink Veiga e divulgadas nos jornais encontrados para pesquisa. Trata-se de uma escritora e ativista às oligarquias da República Velha, que discursava contra o exílio dos militares tenentistas, pela participação da mulher na política e, no futuro, defenderia o levante conhecido como Revolução de 1930 (PANTOJA, [s.d.]). Nas divulgações da programação da Rádio Mayrink Veiga eram utilizados adjetivos como “a festejada escritora senhora Rosalina Coelho Lisboa” (A MANHÃ, 24 dez. 1925). A escritora é descrita também como colaborada da emissora:

Comemorando a noite de Natal, a estação Mayrink Veiga irradiará hoje, das 7 às 9 horas da noite, um excelente programa musical. Também irradiará uma interessantíssima palestra de D. Rosalina Coelho Lisboa, a nossa distinta colaboradora. (A NOITE, 24 dez. 1925, p. 2).

Neste período inicial, a rádio Mayrink transmitia pelo menos duas vezes na semana, em geral nas segundas e quintas-feiras, tendo encontrado também alguns relatos de transmissão em outros dias. A programação normalmente durava duas horas, em primeiro momento, em 1925, sem horário fixo. Foram encontradas grades de programações durante a tarde – nos horários das 14h-16h, das 15h-17h e das 18h-20h – e também, mais frequentemente, a partir das 19h, horário que no ano seguinte acompanha a maior parte das irradiações da emissora.

No dia 17 de janeiro de 1926, *O Jornal* publicou na coluna *Radiversas* uma nota elogiando a transmissão da emissora carioca, que era ouvida com nitidez pelos “amadores da

T.S.F⁶ em todo o território do nosso país” (O JORNAL, 17 jan. 1926, p. 7). Esta mesma coluna dedicada a radioamadores expôs, no dia 29 de janeiro, um pedido de “radiomaníacos” escrito ao redator do jornal e direcionado aos donos da Mayrink Veiga. A solicitação era para que a Mayrink mudasse os horários de programação de seus concertos, a fim de não coincidir com programas de outras emissoras cariocas, principalmente da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a qual havia coincidência de faixa de transmissão no período das 20 às 21h. Em uma época na qual as emissoras ainda não eram comerciais – ou seja, não concorriam entre si por lucros advindos de publicidade – as transmissões no mesmo horário eram vistas como um desperdício. A respeito, afirma a carta divulgada em *O Jornal* e intitulada *Um justo apelo à Estação Mayrink Veiga*:

Amadores da boa música e radiomaníacos fervorosos, vimos apelar para Vossa Senhoria que, com tanto carinho e brilho vem pela seção de rádio d’*O Jornal* concorrendo, visivelmente, para a educação artística do nosso povo, para que seja o nosso intérprete junto à conceituada firma Mayrink Veiga & Cia., para o fim de que esta modifique apenas os dias dos seus magníficos concertos de forma que os amadores de rádio possam ouvir sem perder programas das outras estações transmissoras da nossa capital. A excelente estação dos senhores, Mayrink Veiga & Cia., irradia as segundas e quintas-feiras, das 19 às 21 horas, magníficos programas artísticos, de música e canto e belas letras, que são ouvidos, com máxima atenção, por todos quantos se interessam pela cultura da nossa gente, e que não se cansam de aplaudi-los, elogiando sempre o gosto elevado que preside à organização de tais horas de gozo espiritual. Acontece, porém, que, as segundas-feiras, das 20 às 22 horas, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro faz difundir, da sua estação, ótimos programas, tão interessantes como os da firma Mayrink Veiga & Cia., coincidindo que, das 20 às 21 horas, as duas poderosas estações irradiam juntas, deixando em sérias dificuldades o radioamador, tal o interesse que despertam ambos os programas. Pela rápida exposição acima, verificará o paciente amigo e digno redator [...], que nosso mais ardente e sincero desejo é não perder nenhuma das irradiações artísticas feitas pelas nossas três mais importantes estações de **broadcasting**. Alvitramos, então, caso haja outra solução melhor, o seguinte:

– A firma Mayrink Veiga & C. mudará seu programa de segunda-feira para outro dia de maneira a coincidir com um dia de concerto do Rádio Clube do Brasil que difunde os seus programas artísticos das 21 horas em diante. Essa mudança poderá ser feita para os sábados, por exemplo, que são meio feriados. Teremos, assim, o prazer de ouvir, nesses dias, boa música, excelentes palestras literárias e magníficos números de canto. (O JORNAL, 29 jan. 1926, p. 7).

A programação da Mayrink normalmente era composta por música ao vivo ou de discos com intervalos para palestras de cunho científico ou até mesmo humorístico. Em maio de 1926, já reformulada como Rádio Sociedade Mayrink Veiga, a emissora foi elogiada no jornal *A Noite* pelo repertório de seus concertos. O periódico registrava irradiações até de música

⁶ Telefonia sem fio, expressão que, embora imprecisa, servia como sinônimo para o rádio em seus primeiros anos. Essa modalidade, de fato, identifique a conexão por ondas eletromagnéticas para mensagens de voz simultaneamente trocadas entre dois pontos, enquanto rádio designa o meio que conecta, em um único sentido, a estação emissoras com diversos outros pontos exclusivamente de recepção.

árabe, “tão pouco conhecida” (A NOITE, 17 maio 1926, p. 4) e que teria atraído interesse do público. De acordo com o diário, os musicais da Mayrink Veiga estavam “dando lisonjeiro sucesso” (A NOITE, 17 maio 1926, p. 4) à emissora. A seleção de músicas era organizada pela revista *Brasil Musical* e transmitia ainda canções italianas e portuguesas, além de música sacra e brasileira, essa última, de acordo com as bibliografias anteriormente expostas, ainda enfrentava resistência para ser transmitida em rádios e que nos anos finais da década de 1920 tomou grande parte da programação da Mayrink Veiga, inclusive com apresentação de uma então desconhecida do grande público, a “senhorita Carmen Miranda” (A NOITE, 13 dez. 1929, p. 4).

Em julho de 1926, a Mayrink Veiga passou por nova reforma, desta vez ampliando sua potência de transmissão para 500 watts, com ondas de 260 metros. A inauguração aconteceu no dia 1º e deixou boas impressões “pela clareza da transmissão” (A NOITE, 1º jul. 1926, p. 6). Conforme um artigo escrito na página 38 da revista *O Malho* de 10 de julho de 1926, a construção da nova estação contou com todo material fornecido pela Casa Mayrink Veiga.

O microfone utilizado é da Western Electric, pelo qual a Sociedade irradia palestras, discursos, concertos vocais e instrumentais, declamações, etc. A irradiação de concertos, como ficou estabelecido, será feita às terças e sextas-feiras, das 20 às 22 horas, e nos demais dias das 18 às 20 horas. Tratando-se de uma estação da Casa Mayrink Veiga & C., que se tem se especializado no comércio de material para recepção e transmissão pelo sem fio, os amantes do rádio receberam-na com a simpatia devida a tão proveitosa iniciativa. (O MALHO, 10 jul. 1926, p. 38).

Neste período de nova instalação, a grade de programação aparece ao lado do prefixo SQIJ. Antes disso, apenas um registro havia sido encontrado, em 20 maio de 1926, apresentando o indicativo SKIJ (O JORNAL, 20 maio 1926, p. 13), o que se especula que tenha sido um erro de digitação do jornal, uma vez que o identificador SQIJ aparece nos próximos registros dos periódicos e permanece até maio de 1927, quando surge a denominação SQAJ (A NOITE, 27 maio 1927, p. 4). Já em 8 de janeiro de 1929, a emissora instala novos transmissores e o prefixo sofre outra alteração, para PRAK (A NOITE, 8 jan. 1929), o qual permanece até 1933. Em 15 de agosto de 1933, o jornal *A Noite* apresenta a programação da emissora com o indicativo PRC5, que é visto somente uma vez. No dia 31 do mesmo mês, aparece o prefixo mais famoso da emissora, PRA-9 – nomenclatura que foi título de uma revista produzida pela rádio em seus anos áureos.

3 DÉCADA DE 1930 E O APOGEU DA RÁDIO MAYRINK VEIGA

Este capítulo objetiva destacar o apogeu da Rádio Mayrink Veiga, na década de 1930, abordando quais foram os fatores que determinaram a hegemonia da emissora nesta fase, destacando profissionais, conteúdos e estratégias de produção da emissora.

3.1 O uso político do rádio no início dos anos 1930

Como já mencionado no capítulo anterior, o rádio em sua primeira década tinha pretensão de funcionar como meio educativo e cultural dos valores da elite da época, sem interesse econômico ou político. A função política era determinada ao jornal impresso. Conforme Sonia Virgínia Moreira, “o rádio surgiu no Brasil cercado de desconfiança: nos anos 20 diminuía-se a importância do novo meio porque, segundo crônicas da época, ele não possuía ‘a perenidade da palavra impressa’” (MOREIRA, 1998, p. 22). Mas o cenário político na virada da década, com a deposição do presidente Washington Luís pelo movimento revolucionário de 1930 que pôs fim à República Velha, começou a alterar esse quadro de coadjuvante.

Com Getúlio Vargas comandando o governo provisório instalado pela Revolução de 30, o rádio passa cada vez mais para a área de influência direta do presidente. Na Educadora Paulista, assumiu o controle da emissora uma nova diretoria, afinada com o governo provisório. Em seguida, foram lançados programas para aumentar a difusão da música popular brasileira – a primeira manifestação no rádio do culto ao nacionalismo, marca peculiar da era Vargas. (MOREIRA, 1998, p. 22).

Após a Revolução de 1930 e as primeiras medidas de industrialização de Getúlio Vargas, o rádio começa a se estruturar “não mais como novidade, mas sim se constituindo em um meio de comunicação que, ao buscar o lucro, volta-se para a obtenção constante de anunciantes e de público” (FERRARETTO, 2007, p. 102). Segundo o mesmo autor (2002, p. 33), o uso da publicidade e a gradativa transformação do rádio em empresa comercial vai deixando para trás a fase da curiosidade. Desde a década de 1920 já eram veiculados anúncios, mas ainda sem devida determinação legal, o que acontece após o Decreto 21.111 de 1º de março de 1932, o qual estipula um limite de 10% de veiculação de publicidade na programação. As emissoras começam, a partir disso, a se estruturar como negócio comunicacional, afastando-se da rédea educativa defendida por Roquette-Pinto.

Ainda em 1932, eclodiu a Revolução Constitucionalista e o rádio adquiriu importância política estratégica, sendo centro das manifestações. Nos microfones, eram irradiadas mensagens contra o governo de Getúlio Vargas, que representavam o posicionamento principalmente

de São Paulo no movimento. Conforme Moreira (1998, p. 23), a Revolução de 1932 foi a consolidação do rádio, que teria sido utilizado como um meio para seduzir a população à adesão da mobilização política. Durante meses, as transmissões de emissoras paulistas eram usadas como ferramenta da oposição ao governo e a sociedade tomou consciência das possibilidades políticas e econômicas do rádio (FERRARETTO, 2007, p. 103).

As vozes dos locutores paulistas Celso Guimarães, na Rádio Cruzeiro do Sul, e de César Ladeira, na Record, se destacaram como intérpretes da Revolução Constitucionalista e passaram a ser ouvidas, pela retransmissão de emissoras, em outros estados – como na então capital federal, Rio de Janeiro. A exemplo disso está a Mayrink Veiga, que incluía em alguns dias da sua programação a irradiação das manifestações de São Paulo:

Rádio Sociedade Mayrink Veiga (Onda de 260 metros)
 Das 15 às 16 horas – Discos Escolhidos
 Das 20 às 21 horas – Música selecionada em disco
 Das 21 às 22 horas – Transmissão simultânea com Rádio Cruzeiro do Sul –
 (Rede Verde Amarela)
 Das 22 horas em diante – Música Clássica Registrada. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 22 jun. 1932, p. 12).

Conforme Federico (1982, p. 55), as emissoras paulistas passaram a constituir uma conexão com o resto do território brasileiro, ao ponto em que o governo federal resolveu controlar as transmissões, impedindo, sob censura, a circulação de informações sobre a Revolução em algumas rádios brasileiras. Em 9 de julho de 1932, a Rádio Record furou o bloqueio, entrou em rede com outras rádios, e César Ladeira leu uma mensagem oficial do movimento: “foi assim que a emissora paulista se impôs como a ‘voz oficial’ do movimento revolucionário” (MOREIRA, 1998, p. 24). Para Federico (1982, p. 55), a atuação da Record alçou a emissora como “única voz e elemento de ligação com o resto do território, mormente com o Rio de Janeiro, onde a voz de César Ladeira e sua eloquência diante dos microfones passou a ser admirada”, tanto que, após a revolução, o locutor “foi convidado a dirigir uma das melhores emissoras até então existentes no Rio de Janeiro, a Rádio Mayrink Veiga”.

3.2 A Fase César Ladeira da Rádio Mayrink Veiga

Pouco mais de duas semanas após o fim da Revolução Constitucionalista, em 20 de outubro de 1932, o locutor César Ladeira foi preso pelo governo de Getúlio Vargas. Assim sendo noticiado em jornais da época:

César Ladeira, o conhecido **speaker** da Rádio Sociedade Record, foi preso ontem, às 22 horas, sendo recolhido ao presídio da Imigração. Filho de uma das mais conceituadas famílias campineiras, conhecido jornalista, César Ladeira foi **speaker** da Revolução Constitucionalista, desempe-

nhando de maneira brilhante e entusiástica as suas funções de primeiro **speaker**, transmitido incansavelmente, todas as noites, os manifestos, proclamações e informações sobre o movimento constitucionalista. (CORREIO DE SÃO PAULO, 21 out. 1932, p. 3).

A prisão de Ladeira atraiu a solidariedade dos ouvintes, mostrando um maior alcance e popularização do rádio. O apoio ao locutor da Record era, como escreveu o jornal *A Gazeta* (26 out. 1932, p. 6), de inúmeros amigos, colegas da faculdade de direito e de ouvintes. Na capa de *O Jornal* no dia 27 de outubro foi relatado que eram “inúmeras as manifestações de solidariedade” endereçadas ao **speaker** da Record. Ele foi solto no dia 26 de outubro, conforme noticiado no *Correio de São Paulo* no dia seguinte:

César Ladeira, o conhecido **speaker** da Rádio Sociedade Record, que há dias foi detido pela polícia, ontem, às 2 horas da manhã, obteve sua liberdade, devendo hoje, talvez, retomar as suas atividades de primeiro **speaker** daquela estação. (CORREIO DE SÃO PAULO, 27 out. 1932, p. 3).

Estudante de direito e jornalista por intuição, Ladeira afirmou em 1938, em entrevista à revista *Fon Fon*, que teve que escolher entre “ser um bom **speaker** ou um advogado medíocre” (FON FON, set 1938, p. 36). Conforme o locutor respondeu na mesma entrevista, ele decidiu ingressar na carreira de radialista porque a atuação da imprensa da época não o oferecia “maiores possibilidades de subir na vida” (FON FON, set 1938, p. 36). Ladeira começou na Rádio Record em 1931 e já se destacou como locutor na emissora paulista. Em 1933, o *Jornal do Brasil* elogiou as qualidades do “maravilhoso **speaker**”:

A ele se deve verdadeiramente a adaptação do **broadcasting** ao sentido moderno da vida, de que é o rádio uma expressão tão maravilhosa. Um espírito inovador [...]. A Record começou a organizar programas agradabilíssimos que se salientavam pela novidade e pelos seus aspectos surpreendentes. [...] O estúdio deixava de ser um aspecto de repartição burocrática de transmissão de discos e anúncios, para se transformar-se numa força viva da comunicação humana, de entusiasmo. [...] Ladeira passou a ser um verdadeiro animador. Ficaram célebres suas criações. O **speaker** revelou-se um artista da palavra. Tudo era lido com graça, com espontaneidade, num tom fácil da palestra. Até anúncios se tornaram agradáveis, porque o **speaker** alterava a sua forma rígida, dando leveza, humorismo, sensação. E a Record ficou sendo o comentário vivo da cidade, a voz de São Paulo. (JORNAL DO BRASIL, 4 jul. 1933, p. 11).

Na mesma publicação, o *Jornal do Brasil* também anuncia o lançamento, no Rio de Janeiro, do primeiro livro de Ladeira, e “o primeiro dedicado ao rádio no país” (EBC, set. 2014), escrito no período em que o radialista esteve preso:

Agora, o escritor, que César tão cedo se acostumou a ser, vence o **speaker**. Ou melhor, combina-se com ele. César Ladeira fez um livro de interesse palpitante. Sobre os assuntos do rádio. É *Acabaram de ouvir*, que está para aparecer ainda esta semana nas livrarias do Rio. (JORNAL DO BRASIL, 4 jul. 1933, p. 11).

Como já mencionado, o trabalho de Ladeira na Record chamou atenção dos cariocas, principalmente da Rádio Mayrink Veiga, onde a voz do locutor foi retransmitida durante a Revolução Constitucionalista. Em agosto de 1933, os jornais da época especulavam a mudança do **speaker** para o Rio. O *Correio de São Paulo* anunciou a contratação de César Ladeira pela rádio carioca como uma notícia ruim para os paulistas, mas boa para a cidade do Rio de Janeiro, que ainda estava “atrasada em matéria de rádio”:

Ser **speaker** é uma coisa difícil. Raras são as pessoas que conseguem ser um **speaker** perfeito. Uns têm boa voz, mas falta-lhes o espírito. Outros sabem ser engraçados, mas não têm cultura, e assim... Ladeira, cronista, repórter, como eu conheci, era brilhante. Mas como **speaker**, perfeito, incomparável. A sua voz é a voz de toda parte, nas reuniões íntimas, nos bares modestos, nas conferências de luxo [...]. A capital da República ainda está atrasada em matéria de rádio. Não há muito interesse. As estações.... O Rio é a cidade da graça. É a capital. O melhor **speaker** deve ser do Rio. E César dará ao Rio o que é do Rio. (CORREIO DE SÃO PAULO, 5 ago. 1933, p. 6).

Ainda sem a confirmação de Ladeira sobre a contratação, o mesmo jornal publicou apanhados de notícias que haviam sido veiculadas nos jornais do Rio de Janeiro para atualizar os paulistas do assunto:

A ansiedade que os “meios” cariocas estão tendo pela próxima estreia do Ladeira no Rio, ao microfone da Mayrink Veiga, está viva e palpitante nas bem cuidadas seções de rádio dos jornais cariocas. Ainda ontem foi publicado o seguinte sobre o **speaker** que São Paulo perdeu...

D’*A Hora*: “O simpático César Ladeira ainda não disse quais são as suas novidades”. “O silêncio do notável ‘**speaker**’ paulista aguça mais a ansiedade popular”. “Cesar Ladeira, o homem cujo um vespertino de São Paulo disse que não ficou em São Paulo porque a Rádio Record não o quis”. “César Ladeira, entrevistado ontem por um matutino carioca disse que não ficou em São Paulo porque no Rio vem ganhar mais. Tem a palavra Ponele Pilatos: Onde está a verdade?”

D’*O Radical*: “César Ladeira, o homem cuja palavra era o acompanhamento constante do movimento de São Paulo, foi contratado para a Rádio Mayrink Veiga. Isso já fez parte da história antiga. Todo mundo já sabe. Sexta-feira o ‘**speaker**’ da Record de São Paulo, para se acostumar com o novo microfone, disse algumas palavras na Mayrink. Uma apresentação discreta. Sente muito prazer em travar conhecimento com o público do rádio carioca – ‘da mesma forma’”. (CORREIO DE SÃO PAULO, 14 ago. 1933, p. 4).

Os jornais do Rio de Janeiro apostavam na transferência de Ladeira para melhorar o rádio carioca. O periódico *O Radical* escreveu no dia 15 de agosto que a contratação do radiologista pela Mayrink Veiga, ainda com prefixo PRAK, introduziria “grandes modificações na organização da programação daquela estação carioca, de maneira a transformá-la em uma estação à maneira de São Paulo” (O RADICAL, 5 ago. 1933, p. 3).

Alegando não haver relação com a contratação da estrela paulista, o locutor da Mayrink Veiga até então, Felício Mastrangelo, pediu demissão no dia 5 de agosto, data em que as especulações da mudança de Ladeira começaram a ser amplamente divulgadas em jornais do Rio. O pedido de demissão foi feito através de uma carta, reproduzida pelo jornal *O Radical* no dia seguinte:

Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1933 – Prezado amigo Antenor – Saúde.
A imperiosa necessidade em que me encontro de dar outra orientação à minha vida, leva-me a solicitar de v.s. o meu desligamento da Rádio Sociedade Mayrink Veiga, onde, desde sua fundação, venho emprestando o melhor dos meus esforços. Caro Antenor, sonhei durante oito anos, na rodela prateada da PRAK. Acordo. Verifico estar errado. Estou já na casa dos 40... Já não posso perder mais tempo. Quer ver se recupero, ainda, alguma coisa, nestes poucos anos que me restam para poder lutar com energia. Dali, a deliberação que tomei de tentar outros caminhos. O meu afastamento da PRAK nenhum prejuízo poderá trazer, porque ela caminha forte e segura, sob orientação que lhe está imprimindo o sr. Antunes, fortalecida, agora, pela brilhante aquisição que acabam de fazer, desse belo elemento que é o sr. César Ladeira: razão pela qual, eu longe de lhe fazer falta, só poderia criar obstáculos com certos anacronismos de minha orientação. Entristece-me, somente, no tomar esta deliberação, o fato de ter de abandonar o convívio dos bons amigos que foram o belo ambiente da casa que lhe traz honrosamente o nome – amizade esta que espero continuar a ter para comigo, mesmo longe de sua casa, porque tenho certeza de que bem a mereço. Com a imperecível gratidão que lhe devoto tudo quanto por mim tem feito, receba como de quem sempre lhe ter servido com sinceridade e lealdade. (O RADICAL, 6 ago. 1933, p. 10).

A estreia de Ladeira na Mayrink Veiga aconteceu no dia 1º de setembro de 1933. Em entrevista concedida ao jornal *A Pátria*, e reproduzida no *Correio de São Paulo* em 15 de agosto de 1933, o ex-locutor da Record declarou que os artistas de rádio em São Paulo eram “misericordiosamente pagos” (CORREIO DE SÃO PAULO, 15 ago. 1933, p. 4) e por isso decidiu ir para o Rio de Janeiro. Na mesma data do começo de Ladeira, a emissora carioca inaugurou um novo estúdio, anunciado em jornais como um dos mais modernos do país, “obedecendo a orientação técnica dos **broadcastings** norte-americanas” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31 ago. 1933, p. 8) e com espaço, ainda que pequeno, para que os ouvintes pudessem assistir de perto os programas sendo produzidos.

Os seus estúdios e escritórios sofreram uma radical transformação. São amplos salões, cheios de claridade, onde se respira bom ar, o ar bom deste Rio magnífico. Decorados com um senso equilibrado de modernismo, todas as suas dependências estimulam um trabalho bem-intencionado, orientado sob o prisma do progresso. (CORREIO DA MANNHÃ, 27 ago. 1933, p. 2).



Figura 2 – César Ladeira no novo estúdio da Mayrink Veiga, em 1933. (VIDA DOMÉSTICA, out. 1933, p. 93)

O programa de estreia contou com a participação de artistas como Francisco Alves, Gastão Formenti, Madelou de Assis, entre outros (A NOITE, 1 set. 1933, p. 5). A Rádio Sociedade Mayrink Veiga entrou, a partir de então, em sua nova e mais bem-sucedida fase. A mudança foi tão significativa que a emissora passou a comemorar aniversário nesta data, descrita como “período áureo” da Mayrink pela revista *Vida Doméstica* em uma matéria da edição de outubro de 1935, intitulada “Ladeira, o grande **speaker** e sua festa maravilhosa”, que trazia fotos e relatos dos bastidores da comemoração:

Festejando o 2º aniversário de sua nova fase, a querida P. R.A.9, Rádio Sociedade Mayrink Veiga, organizou no dia 1º do mês transato um brilhantíssimo programa, em que tomaram parte todos os seus elementos artísticos e figuras representativas da sociedade carioca. A comemoração do ‘período áureo’ da simpática P. R.A.9 serviu também para uma demonstração pujante e insofismável do muito que é querido e admirado pelos rádio-ouvintes brasileiros, o grande **speaker** César Ladeira, diretor artístico da Rádio Mayrink Veiga. A sua brilhante capacidade e iniciativa deve-se em grande parte ao triunfo pleno da radiodifusão nacional, porquanto, inegavelmente César Ladeira, pelo seu indiscutível valor, impôs-se desde logo à administração de todos, granjeando para sua estação e para a radiofonia em geral, a simpatia fervorosa de todo o

público. [...] Todas as emissoras cariocas associaram-se de modo brilhante às comemorações dessa data festiva, ocupando o microfone da P. R.A.9 diretores das nossas estações de rádio e elementos de destaque no **broadcasting** nacional. O programa apresentado pela Rádio Sociedade Mayrink Veiga marcou com incomparável brilhantismo a nova gestão de César Ladeira nesse dia muito homenageado. (VIDA DOMÉSTICA, out. 1935, p. 25).



Figura 3 – Festa de comemoração do aniversário de dois anos da "nova Mayrink Veiga" (VIDA DOMÉSTICA, out. 1935, p. 25)

Na Mayrink, César Ladeira atuou como diretor artístico e radialista e modificou “praticamente tudo” que até então era feito na emissora (HAUER, 2011, p. 50). Conforme Reynaldo Tavares (1999, p. 179), Ladeira “deu ao veículo um novo impulso, uma outra personalidade, dividindo a programação em horários definidos e especializados”, investiu no elenco e na atualização da coleção de discos e buscou uma linguagem jornalística que identificasse o veículo, transformando a emissora em um “verdadeiro padrão da nossa radiofonia”. A modificação mais significativa imposta pelo **speaker** foi a implantação de salário fixo aos profissionais da rádio.

Coube a César Ladeira o crédito da implantação de uma política salarial aos profissionais do rádio, que passaram a receber ganhos mais justos, além de salários fixos, e a ter seus contratos de trabalhos registrados nas respectivas carteiras profissionais, surgindo dessa forma o chamado “**broadcasting** radiofônico”. (TAVARES, 1999, p. 180).

De acordo com Luiz Carlos Saroldi (2002-2003), a ida de César Ladeira para a direção artística da Mayrink Veiga trouxe para o rádio do Rio de Janeiro mais prestígio e seriedade profissional, valorizando o elenco da emissora com contratos de exclusividade e pagamento de salários mensais, em substituição aos cachês. “O momento coincide com a implantação da política trabalhista de Vargas, entregue a um ministério próprio e com a instituição de carteiras profissionais, entre outras medidas” (SAROLDI, 2002-2003, p. 54). Conforme

Tavares (1999, p. 180), a repercussão das medidas de Ladeira foi imediatamente sentida no cenário comunicacional, uma vez que as demais emissoras “passaram a adotá-las (para não dizer copiá-las), não só no Rio de Janeiro, como em todo o país”.

A César Ladeira também é atribuído o crédito de popularizar e apelidar grandes nomes da música brasileira que faziam parte do **casting** da Mayrink. Conforme Federico (1982, p. 58-59), esta adjetivação e uso de superlativos era um mecanismo de “farsa promocional” não só para influenciar os ouvintes mas para provar aos anunciantes e à agência de que gozavam de popularidade e seus astros tinham prestígio. Do **speaker** da Mayrink Veiga partiu a alcunha de “pequena notável” para Carmen Miranda, enquanto sua irmã, Aurora Miranda, passou a ser “outra pequena notável”; Sílvio Caldas ficou conhecido como “o caboclinho querido” e também como “o seresteiro incorrigível”; Francisco Alves era “o rei da voz”; Moreira Silva, “o tal”; Carlos Galhardo foi batizado como “o cantor que dispensa adjetivos”; entre outros tantos artistas que receberam alcunhas de Ladeira.

3.3 Mayrink Veiga e o “rádio broadcasting”

A contratação de César Ladeira na Mayrink Veiga e todas as reformulações implementadas por ele como diretor artístico foram iniciativas da emissora com objetivo de gerar lucro após a regulamentação da publicidade no rádio e a decorrente estruturação comercial do meio. A estratégia da Mayrink Veiga era, assim como das demais emissoras desta fase, reinvestir o dinheiro pago por publicidade na programação, para assim garantir audiência e atrair mais anunciantes, crescendo como negócio comunicacional (FERRARETTO, 2007, p. 102). De acordo com Lia Calabre (2004, p. 11), Ladeira afirmou em 1933 que o rádio estava vencendo na sua finalidade de divertir e que querer mantê-lo como veículo meramente educativo era um grande equívoco: o modelo de rádio bem-sucedido seria o do veículo de entretenimento. Esta nova organização do meio, denominada por Federico (1982, p. 56), “sem pleonasmos”, como rádio **broadcasting** é de um meio dinâmico, eclético e dirigido para uma larga audiência.

A música e a programação passaram a expressar o estilo de vida urbano, agora em ascensão acelerada [...]. Na busca desenfreada pelas entradas publicitárias (condição de sua sobrevivência) as emissoras tiveram que apelar para maiores audiências e autopromoção, bem como a de seus astros e talentos. (FEDERICO, 1982, p. 58).

Considerado pelo jornal *A Noite* (ago. 1936, p. 18) como o programa pioneiro no **broadcasting**, o *Esplêndido Programa*, de Waldo Abreu, estreou na Mayrink em outubro de 1931 e já demonstrava nos primeiros anos o caminho que o rádio iria seguir. O programa foi criado, mesmo que ainda com certo amadorismo, com objetivo de comercializar anúncios, antes mesmo

da regulamentação da publicidade no rádio. A ideia sofreu com a descrença do comércio, como explicou Waldo Abreu, envaidecido por ter sido “criador deste sistema de programa de rádio”, em uma entrevista ao jornal *A Noite* na comemoração de um ano da sua criação:

Nasceu de uma palestra que tive com o Sr. A. Neves, hoje meu sócio e amigo, e que era, então, o chefe de publicidade da Rádio Mayrink. A ideia foi levada pelo Sr. Neves ao Sr. Estacio B. Lacerda, diretor comercial da rádio. Concertamos a realização do *Esplêndido Programa*, como a última palavra no assunto. Isso foi na quinta-feira, e no domingo já devia ser posto em prática. Tempo escasso, despesas maiores, artistas, anunciantes. Audácia, boa vontade e entusiasmo. O Neves entrou em gigantesca ação junto ao comércio. Freguesia acionada. Eu entrei em ação no mundo artístico. Havia desânimo. O comércio não acreditava que pelo rádio alguém fosse capaz de coisa nova que interessasse os ouvintes. Os artistas aceitavam os convites, mas receosos. E eu para Neves e o Neves para mim: – Para frente! Felizmente a ideia caminhou vencedora. Um grupo de comerciantes inteligentemente resolveu patrocinar a iniciativa. Chega o domingo. Meio-dia em ponto e nós já estávamos no estúdio da Mayrink Veiga. Um momento de emoção o início da execução do primeiro *Esplêndido Programa*. Ânsia geral. Expectativa frenética. E o programa seguia o seu curso. O telefone toca. O que seria? Forte emoção: chegava a primeira felicitação. Depois, outras. O novo molde enquadrou-se plenamente. E vieram pedidos e mais pedidos. (A NOITE, out. 1938, p. 4).

Segundo Saroldi (2002-2003, p. 52), o *Esplêndido Programa* foi o mais popular deste início de década, por onde passaram os cartazes como Francisco Alves, Mário Reis, Augusto Calheiros e a jovem Carmen Miranda. Na tentativa de competir com o programa de Waldo Abreu, Ademar Casé criou o *Programa Casé*, na Rádio Philips, um dos mais importantes programas de rádio da época, que especializou o uso de anúncios, e que mais tarde seria levado para a Mayrink Veiga, onde atingiu o ápice do sucesso.

A radiodifusão passou nesta fase de **broadcasting** a se consolidar concomitantemente como meio de comunicação e veículo publicitário (FEDERICO 1982, p. 56). A maneira de anunciar os parceiros comerciais também diferenciava a Mayrink na época. Em uma crítica na revista *Fon Fon* de 30 de abril de 1938, a publicidade radiofônica foi denominada de “flagelo central” (p. 27). Conforme o artigo, a Mayrink Veiga era “uma das raríssimas estações” que irradiavam anúncios interessantes, bem feitos e audíveis:

Felizmente para os ouvintes, não exista na P. R.A.9 o “flagelo central” com todo o seu cortejo de imbecilidades. Tirando dois ou três trechos exagerados, os restantes são dos melhores que temos ouvido pelo microfone. E isto ela o deve a Jayme Faria Rocha, seu excelente redator, cujo exemplo deveria ser imitado para o bem dos cronistas e felicidade geral dos ouvintes...”. (FON FON, 30 abril 1938, p. 27).

Conforme explicou Ladeira em entrevista para o *Correio da Manhã* dias antes da estreia na Mayrink, o ideal era transmitir propaganda com bom humor e dinamismo: “o ouvinte

tem até raiva de certos produtos só porque eles são anunciados no rádio de forma irritante” (CORREIO DA MANHÃ, 27 ago. 1933, p. 2).

O **speaker** dirá o nome de um tônico de nervos com a voz firme e bem controlada, com a voz de um sujeito de nervos bons. A marca de um creme dental será dita ao microfone com um sorriso de dentes limpos e são. Propaganda direta e moderna. Antigamente dizia-se: "Napoleão, o grande guerreiro vencia grandes batalhas porque possuía um raciocínio seguro, forte e bem equilibrado. Para fortificar o cérebro, indica-se o melhor dos tônicos mentais – o Intelifentól." Hoje, será assim: "O senhor tem boas ideias: Compre uma fábrica de ideias num frasco de Inteligentól. O nome é uma garantia: Inteligentól." O ouvinte entre Napoleão ou as suas ideias, prefere a forma prática e direta de melhorar as suas ideias e manda o Napoleão plantar batatas. (CORREIO DA MANHÃ, 27 ago. 1933, p. 2).

Cabe ressaltar que adaptação total ao que seria esta nova dinâmica do rádio **broadcasting** não foi imediata. A programação radiofônica sofreu diversas mudanças durante a década de 1930. Diferentemente da década de 1920, como já relatado, que havia irradiação em dias intercalados, com palestras ou apresentações instrumentais ao vivo, na década de 1930 as grades das emissoras se popularizaram para atingir maior público. Para comparação, apresenta-se quatro esboços de programação divulgados em jornais em 1932, 1934, 1936 e 1938.

A Rádio Sociedade Mayrink Veiga transmitirá hoje, domingo, 10 de julho, os seguintes programas: das 12h às 15h, transmissão do *Esplêndido Programa*, com os seguintes artistas: [...]. Nota: no decorrer do programa a Rádio Sociedade Mayrink Veiga transmitirá os resultados dos pares das corridas. Segunda-feira a Rádio Sociedade Mayrink Veiga transmitirá o seguinte programa: das 15h às 16h – discos. Das 20h às 20h30 – discos escolhidos. Das 20h30 às 20h40 – notas literárias pelo poeta Paulo Gustavo. Das 20h40 em diante – discos escolhidos. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, jul. 1932, p. 12).

Mayrink Veiga

Das 6h20 às 8h45 – três aulas de ginástica. Das 11h à 1h – programa variado. Das 3h às 4hh – discos. Das 6h às 6h45 – discos escolhidos. Das 6h45 às 7h – quarto de hora educativo da Confederação Brasileira de Radiodifusão. Das 7h às 8h – discos populares. Das 8h em diante – programa de músicas variadas de diversos artistas e comentários do observador da PRA-9 da Assembleia Nacional Constituinte. (CORREIO DA MANHÃ, mar. 1934, p. 9).

Mayrink Veiga

Das 10h às 11h30 – discos. Das 11h30 ao meio dia – programa variado. Do meio dia às 12h30 – discos. Das 12h30 à 1h hora – programa variado. Das 5h às 6h45 – discos. Das 6h45 às 7h30 – *Hora do Brasil*. Das 7h30 às 11h – programa do estúdio. Às 11h – comentário internacional (CORREIO DA MANHÃ, out. 1936, p. 12).

Amanhã, na PRA-9

Das 12h às 12h30 – orquestra sinfônica, sob direção de Muraro

Das 12h30 às 12h45 – *Barbosadas...* Barbosa Jr.

Das 12h45 às 13h – apresentação da menina prodígio Wilma Graça, concertista de piano e compositora aos 9 anos.

Das 13h às 14h – *Teatro pelos Ares*, com a peça votada em 2º lugar, na votação dos ouvintes.
 Das 14h às 14h30 – arranjos de Pixinguinha sobre músicas antigas
 Das 14h30 às 15h – Roberto Paiva – Lídia de Alencar – Nonô – Luperce.
 Das 15h às 16h – *Teatro Sherlock*, com uma homenagem do *Programa Casé*, com uma peça policial inédita.
 Das 16h às 16h30 – Caipiradas... Alvarenga e Bentinho
 Das 16h30 às 17h – Moreira da Silva – Patrício – L. Americano – Pixinguinha.
 Das 17h às 17h30 – *Cortina Sonora*, com Um beijo nas trevas, granguignol de Maurice Leblanc.
 Das 17h30 às 18h – Muraro em arranjos musicais.
 Das 18h às 18h15 – Prof. Ladario Teixeira, o grande artista do saxofone.
 Das 18h15 às 18h30 – Dupla Verde e Amarelo.
 Das 18h30 às 19h – Maria Amorim – Paulo Serrano – Orquestra de salão.
 Das 19h às 19h30 – *A semana em revista*, reconstituição dos 5 anos de direção artística na sua PRA-9
 Das 19h30 às 20h – Aracy de Almeida – Carlos Galhardo
 Das 20h às 20h30 – Muraro apresentando suas orquestras: Typica – Jazz – e as Quadrinhas Musicadas.
 Das 20h30 às 21h – Carmen Mirando – Sylvio Caldas.
 Das 21h às 22h – *Teatro pelos Ares*, com a peça votada em 1º lugar, na votação dos ouvintes. (FON FON, set. 1938, p. 50).

É possível perceber que a programação em 1938 é mais definida e menos genérica, sem um “programa variado”, que não especifica o que seria apresentado. Cabe considerar também um horário nobre bem definido no horário noturno, com a apresentação de uma peça de radioteatro aclamada pela audiência.

Conforme Tinhorão (1981, p. 47), ao democratizar o tom das transmissões ao nível da intimidade do “amigo ouvinte”, o rádio acabou despertando nesses milhares de anônimos uma curiosidade e um desejo de aproximação que levariam muito deles a não se contentarem com o papel passivo de ouvintes distantes. Além do desejo de escolher qual peça de teatro queriam na programação, cada vez mais curiosos passavam a frequentar as emissoras para ver os programas. Na via de mão dupla com a audiência, a opinião pública (o gosto popular) adquiriu um peso fundamental (CALABRE, 2004, p. 12). A forma mais comum para avaliar a audiência era a promoção de concursos com distribuição de brindes, seguida pela análise da correspondência recebida. “Caso a reação do público fosse negativa, o programa era reformulado ou retirado do ar. Quanto mais crescia o número de emissoras, mais exigentes ficavam os ouvintes” (CALABRE, 2004, p. 12).

Uma das provas da hegemonia da Mayrink Veiga frente às outras emissoras é o resultado do concurso radiofônico elaborado no ano de 1938 pela revista *Fon Fon*. O concurso durou três meses e a apuração parcial era apresentada no decorrer deste tempo pela revista, seguindo as regras anunciadas:

Fon Fon lança, hoje, para os radio-ouvintes de todo o Brasil, o seu concurso radiofônico. *Fon Fon* quer saber quais são, no julgamento do público ouvinte, os melhores cantores, as melhores cantoras, os melhores **speakers**, as melhores emissoras do **broadcasting** brasileiro. Como se vê, trata-se de um concurso eminentemente popular. Cada ouvinte é um juiz. E tem a palavra, desde hoje, para dar o seu veredito [...]. No grande plebiscito radiofônico poderão votar nossos eleitores de todo o Brasil. Cada radio-fã está convidado a externar as suas preferências, enchendo o cupom publicado nesta página. O nosso concurso durará três meses, no fim dos quais daremos o resultado final da nossa enquete. Publicaremos, oportunamente, a lista dos prêmios que serão conferidos aos vencedores. Cada votante deverá assinar o cupom, consignando o Estado em que reside. Esta cláusula do concurso de *Fon Fon* tem importância capital; todo cupom que venha sem assinatura será desclassificado. Cada rádio-fã só poderá votar uma vez. Não é obrigatório encher todas as perguntas. O votante pode deixar em branco qualquer pergunta que não venha ao encontro de suas predileções. (FON FON, mar. 1938, p. 28).

**CONCURSO RADIOPHONICO
DE "FON-FON"**

Qual o melhor cantor?
 Qual a melhor cantora?
 Qual o melhor «speaker»?
 Qual o melhor compositor?
 Qual o melhor humorista?
 Qual o melhor programma?
 Qual a melhor emissora?
 Qual a sua musica predilecta: popular ou classica?

 Assignatura do votante
 Estado

Figura 4 – Cédula impressa na *Fon Fon* para votação no concurso (FON FON mar. 1938, p. 28)

É válido ressaltar que os resultados da enquete feita pela revista não possuem uma aferição controlada como a de institutos de pesquisa e estatística especializados – o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope)⁷, por exemplo, foi criado apenas em 1942. Apesar

⁷ Atual Kantar Ibope Media.

do pedido da *Fon Fon* para que cada ouvinte votasse apenas uma vez, utilizando o próprio nome, não se pode ter certeza de que essa regra foi seguida pelos votantes. Sobre isto, a própria revista afirmou que se empenhou “para que os resultados finais refletissem, o mais fielmente possível, as preferências dos rádios-fãs” (FON FON. set. 1938, p. 29). Conforme o periódico, “até os prêmios, ou melhor, as lembranças da *Fon Fon* aos vencedores, tiveram pouca divulgação, para que não desviasse a finalidade de seu plebiscito” (FON FON. set. 1938, p. 29). Das oito categorias do concurso, a Mayrink e seus artistas venceram cinco – a posição de melhor compositor premiou Ary Barroso, na época na Cruzeiro do Sul; e o prêmio de melhor cantor foi para Francisco Alves, que havia sido artista da Mayrink, mas na época da apuração do concurso estava na Tupi. Havia ainda uma categoria que apenas perguntava a preferência dos ouvintes entre música popular (26.115 votos) e clássica (3.170 votos). A Mayrink, portanto, venceu nas categorias:

- 1) Melhor emissora, com 10.062 votos, seguida pela Rádio Nacional, com 3.775, e da Rádio Jornal do Brasil, que foi escolhida por 2.116 ouvintes.
- 2) Melhor **speaker**, com César Ladeira, com 10.043 votos – o segundo colocado, Oduvaldo Cozzi, locutor da Nacional até então, obteve 2.472 apreciações. Celso Guimarães ficou em terceiro com 2.428 votos.
- 3) Melhor programa, com *Teatro pelos Ares*, com a preferência de 8.448 ouvintes, enquanto o *Programa Casé*, também da Mayrink na época, obteve 3.717 votos. O programa *Hora dos Calouros*, na Cruzeiro do Sul, obteve a terceira posição, com 2.671 votos. E a quarta colocação foi ocupada por mais um programa da Mayrink, o humorístico *Programa Piccolino*, com 2.255 votos.
- 4) Melhor cantora, com Carmen Miranda, com 8.776 votos, seguida pela também artista exclusiva da Mayrink, Aracy de Almeida, que foi escolhida por 4.491 ouvintes.
- 5) E melhor humorista, com Barbosa Junior, que teve 9.230 votos; seguido por Lamartine Babo (4.377), que teve uma passagem pela Mayrink, mas trabalhava na Nacional na época do concurso.

A festa de premiação da revista *Fon Fon* aos vencedores aconteceu nos estúdios da Rádio Mayrink Veiga, sendo transmitido ao público da emissora:

A Fon Fon sente-se feliz, porque demonstrou, com o seu concurso, que o povo se interessa extraordinariamente pelo rádio, estimulando e aplaudindo as belas iniciativas do **broadcasting**. E foi justamente aos rádio-ouvintes que a *Fon Fon* ofereceu o programa dos vencedores, irradiado pelo microfone da PRA-9, por gentileza de Edmar Machado, seu diretor-gerente. Francisco Alves e Ary Barroso (por especial deferências das emissoras Rádio Tupi e Rádio Cruzeiro do Sul), Carmen Miranda, César Ladeira, Barbosa Junior e *Teatro pelos Ares* formaram um programa realmente primoroso, como poucos se fazem ouvir. E foi organizado pelos próprios rádio-ouvintes. Destes e para estes foi a noite dos

vencedores, agradecimento sincero da *Fon Fon*, noite de escol, noite memorável, noite que ficará para sempre na história do **broadcasting** brasileiro. (FON FON, set.1938, p. 10).



Figura 5 - Equipe do programa *Teatro pelos Ares* na premiação do concurso da *Fon Fon*

Em pé: India Brasil, Alvaro de Souza, Diola Silva, Antonio Laio, Anitta Spá, Barbosa Júnior, Jayme Faria rocha e Paulo Luiz Moura. **Sentados:** Paulo Magalhães, Lucilla Peres, César Ladeira, Cordeília Ferreira e Plácido Ferreira. (FON FON, set. 1938, p. 35)

O radioteatro era destaque da Mayrink Veiga na segunda metade da década de 1930, principalmente alçado pelo sucesso do programa *Teatro pelos Ares*, que estreou 1937. Com a apresentação de “peças absolutamente radiofônicas, isto é, escrita com a observância de toda a técnica do microfone” (PRANOVE, jun. 1938, p. 12), o programa era sucesso de audiência com apresentações inéditas nas quintas-feiras e reprises em outros dias. Conforme o autor e criador Paulo Magalhães, o *Teatro pelos Ares* era “o programa de maior sucesso do **broadcasting** brasileiro em todos os tempos”. Em depoimento escrito na terceira edição da revista *Pranove*, que homenageou o programa, Magalhães explicou como o *Teatro pelos Ares* começou:

Cheguei ao Brasil com projetos interessantes a respeito do radioteatro, mas em face da organização da nossa radiofonia naquela época pensei comigo: “tá bom... deixa”. Em 1932, Mastrangelo, então diretor artístico da Rádio Mayrink Veiga, insistiu comigo: “Vamos fazer radioteatro!”. Trabalhei com ele, com Lú Marival, com Olavo de Barros, com Annita Spá, com Lucilia Peres, com Olga Navarro, profissionais de teatro e mais Lou Moreira Santos, Nené Macogi, Paschoal Carlos Magno e Walfredo Machado, amadores brilhantes. Havia boa vontade da nossa parte, mas também havia um microfone para todos os intérpretes que se amontoavam e se acotovelavam para arranjar a sua “falazinha” em atitudes difíceis de pitoresca ginástica “micro-suéco-fônica”. E o gerente achava que aquilo tomava muito tempo e prejudicava os anúncios. E o grande Roquette Pinto chamou-me depois para a Rádio Sociedade onde,

durante quatro meses, fiz nova tentativa de radioteatro, sem maiores resultados. Cansei. Parei. E repeti: “tá bom...deixa”. Fui à América do Norte [...]. Aquilo sim era teatro pelo rádio, teatro radiofônico a valer, palco, plateia, vários microfones, ruídos, efeitos, etc. Espiei bem tudo e fiquei morando no assunto. Voltei ao Rio. César Ladeira chega ao Rio e abafa. Ficamos amigos íntimos.

E César animado:

– Vamos fazer radioteatro?

E eu, sem fé:

– Com que roupa?

Conversamos muito. Contei-lhe o que vira na América. Faz-se a reforma da Mayrink Veiga. Mais potência, nova instalação, horizontes mais amplos.

E César insiste:

– Como é? Agora podemos fazer radioteatro?

Mas eu, que não trabalho de graça nem para minha mãe:

– Mas, há “erva”... em condições?

E César:

– Dá se um jeito.

Dias depois, Plácido Ferreira, que se tornou aos poucos um verdadeiro baluarte do radioteatro, procurou-me:

– Dr. Paulo, o César quer que o senhor adapte a sua peça “Saudade” para a estreia do *Teatro pelos Ares* da Mayrink

– Mas já existe isso?

– E eu sou o diretor e o senhor... também é um “troço” lá... O César quer falar-lhe a respeito.

Quatro horas da tarde. No antigo pequeno, saudoso, simpaticíssimo estúdio da PRA-9, César, Paulo Ladeira e eu começamos a bater papo. E eu:

– Mas, Cesar, eu só trabalho com vários microfones!

E César:

– Dou-te todos os microfones que precisares.

– Mas eu só trabalharei com artistas e profissionais remunerados...

– Plácido já tem ordem para contratá-los.

A coisa ficou feia foi na hora do meu cachê. César com ares comerciais:

– Nós não queremos que trabalhe de graça, compreendas.

E o Paulo Ladeira:

– Sim, é preciso pensar na nossa camaradagem. Isso é uma tentativa. Se pegar, todos ganhamos (ele ganha sempre)

Fiz meu preço. César achou ruim e repetiu que aquilo era uma tentativa em prol do teatro e da sua propaganda e que eu estava “no dever moral” de ajudar a iniciativa. Tipo da conversa mole. Mas eu fiquei ganhando o que ele me propôs.

E assim nasceu o *Teatro pelos Ares*. (PRANOVE, 1938, p. 3-4).

Na grade de programação da Mayrink Veiga ainda havia o *Teatro Sherlock*, com peças de radioteatro policiais que eram apresentadas durante o *Programa Casé*. Irradiado semanalmente aos domingos, as peças eram baseadas em estórias de Conan Doyle. Outro radioteatro transmitido na emissora era *Cortina Sonora*, apresentado nas terças-feiras. Outros programas irradiados pela Mayrink no final da década de 1938 eram: *Biblioteca no Ar*, três vezes na semana trazendo contos e crônicas literárias; *Semana em Revista*, irradiado aos sábados com informações narradas por Ladeira do cenário internacional; *Cine Rádio Jornal*, programa de segunda à sexta-feira com Celestino Silveira que trazia informações e críticas sobre o cinema da época; *Hora do Bom Gosto*,

com irradiação em dias úteis de discos musicais selecionados; *Programa Picolino*, humorístico com Barbosa Junior, transmitido em dias úteis no final da manhã – exceto nas terças-feiras, quando Barbosa Júnior apresentava no mesmo horário o também programa de humor *Hora do Tiro*; entre outros programas.

PROGRAMMAS FIXOS:

- "BIBLIOTHECA DO AR" (Cultural)
- "O PICOLINO" (Humorística)
- "MUNDO MUSICAL EM REVISTA"
- "HORA DO BOM GOSTO"
- "CINE-RADIO-JORNAL"
- "RYTHMO ALEGRE" (Dansante)
- "A SEMANA EM REVISTA"
- "JORNAL FALADO DA PRA-9"
- "HORA DO TIRO"
- "PROGRAMMA CASE"

PROGRAMMAS ESPECIAES FIXOS:

- "FLORA MEDICINAL"
Diariamente das 18 às 18,15)
- "ORCHIDÉA"
(Quintas-feiras, às 21,55)
- "CASA GUIMARÃES"
(Sextas-feiras, às 21,30)
- "SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"
(Sabbados, das 22,30 às 22,45)

AUDIÇÕES RADIO-THEATRAES:

- "THEATRO PELOS ARES"
- "CORTINA SONORA"

ATTRACÇÕES MÚSICAES:

- "PROGRAMMA DAS QUADRINHAS MUSICADAS"
- "RADIO-NOVIDADES"

ORCHESTRAS:

- "MURARO Y SU MUCHACHADA"
- "MURARO E SEU JAZZ MELODICO"
- "ORCHESTRA DE SALÃO"
- "ORCHESTRA SYMPHONICA"
- "CONJUNCTO REGIONAL"

ARTISTAS

AMALIA DIAZ
ANNITA SPA'
ARACY DE ALMEIDA
CARMEN MIRANDA
CORDELIA FERREIRA
DIOLA SILVA
GHYTA JAMBLOUSKY
INDIA DO BRASIL
LUCILIA PERES
MARIA AMORIM
ROXANE
ALVARO DE SOUZA
ANTONIO LAIO
BARBOSA JUNIOR
CANDIDO BOTELHO

CARLOS GALHARDO
CESAR LADEIRA
CIRO MONTEIRO
GASTÃO BUENO LOBO
JAYME FARIA ROCHA
LÉO DE AVELLAR
LUIZ AMERICANO
LUPERCE MIRANDA
MANEZINHO ARAUJO
MOREIRA DA SILVA
MURARO
PATRICIO TEIXEIRA
PAULO LUIZ MOURA
PAULO SERRANO
PIXINGUINHA
PLACIDO FERREIRA
ROBERTO PAIVA
SYLVIO CALDAS

Figura 6 - Artistas exclusivos e programas da Mayrink Veiga em 1938 (PRANOVE, jun. 1938, p. 31)

3.4 Revista *Pranove*, a continuação impressa da estação PRA-9

Para ampliar ainda mais o escopo da emissora, como marca e como espaço comercial, foi criada ainda em 1938 a revista *Pranove*, periódico mensal que trazia informações de bastidores, programação e curiosidades sobre a Mayrink e também sobre o rádio em si. O nome fazia referência ao prefixo da rádio, PRA-9. Na edição de estreia, em junho de 1938, a revista apresentou que o principal objetivo do novo produto seria “estretar ainda mais os laços de estima que unem a Rádio Mayrink Veiga aos seus ouvintes” (PRANOVE, jun. 1938, p. 3). A revista se colocava como “órgão oficial” da Mayrink, utilizando o slogan “PRA-9 a sua estação, *Pranove* a sua revista”.

Tudo para que, em suas páginas, os fãs da PRA-9 encontrem assunto de verdadeiro intercâmbio. Vida dos artistas, programas diários, novidades em preparo, fotografias, reportagens, flagrantes, biografia dos artistas, seções diversas, correspondência, cantos radiofônicos, tudo, enfim, capaz de entender a você, amigo ouvinte da PRA-9. (PRANOVE, jun. 1938, p. 3).

O sucesso da primeira edição surpreendeu até mesmo os idealistas da revista. Os cinco mil exemplares que foram colocados à venda se esgotaram em três horas:

O aparecimento da *Pranove* confirmou o alto prestígio desfrutado pela Rádio Mayrink Veiga entre os rádio-ouvintes do Brasil. Cinco mil exemplares foram avidamente disputados. Em menos de três horas, não havia, em parte alguma da cidade, um único exemplar da preciosa revista. Fora otimista nossa previsão. O êxito do primeiro número era tido por nós como coisa certa. Mas, não era possível esperar êxito tamanho! Ninguém acertou; nem nós da *Pranove*, nem nós da PRA-9, nem os homens das bancas de jornais, nem os amigos, ninguém podia prever que em menos de três horas os fãs da PRA-9 fizessem evaporar cinco mil exemplares desta revista, que já nasceu feita! Dois dias após a saída do primeiro número, tantas eram as reclamações, tão grande era o número de pessoas exigindo a *Pranove*, que a situação foi ficando tensa e determinou providências extraordinárias. Nesse sentido, recebemos a visita dos Srs. João Silva Rodrigues e Ercoli Caruso, importantes distribuidores de jornais desta capital, que nos vinham a fazer uma proposta: comprariam cinco mil exemplares de uma segunda edição da *Pranove*. Tinham de satisfazer aos seus fregueses, fosse como fosse. E fizemos rodar uma segunda edição da *Pranove*. Quando julgamos o caso resolvido satisfatoriamente, com agrado geral, eis que à tarde do mesmo dia em que foi posta à venda a segunda edição, tudo estava com antes: o povo continuava aglomerado junto aos jornaleiros e não havia mais um único exemplar da segunda edição! Fantástico! Inacreditável! Dez mil exemplares de uma revista vendidos em menos de seis horas! (PRANOVE, jul. 1938, p. 3).

Para promover a revista, a *Pranove* anunciava ser “uma quase televisão”, onde os fãs da Mayrink, acostumados apenas a ouvir a rádio poderiam ver nas páginas impressas “os segredos e mistérios que chegam ao ouvido” (PRANOVE, jul.1938, p. 5). Conforme uma crônica lida por César Ladeira aos microfones da rádio e reproduzido na revista, a Mayrink recebia inúmeras correspondências com curiosidades dos ouvintes que não conheciam a fisionomia de

seus ídolos. Anedotas, fotos autografadas, letras de músicas, reprodução por escrito de contos lidos no ar, grade de programação mensal da emissora e curiosidades dos bastidores eram os principais conteúdos da *Pranove*.

Esse, quer saber qual a cor dos olhos de Carlos Galhardo; aquela, deseja receber devidamente autografada uma fotografia de César Ladeira; uma outra pergunta qual a peça de quinta-feira do *Teatro pelos Ares*; outra, de mais longe, encantada com um número de Aracy de Almeida, pede a letra desse número. E há os que pedem para Barbosa Junior contar uma anedota das *Barbosadas*. (PRANOVE, jul. 1938, p. 5).

A primeira edição foi composta por 32 páginas; o segundo mês, 48 páginas; e o número foi aumentando para 52 na quarta edição e 68 páginas na sétima versão da revista; nas edições seguintes, em 1939, os periódicos mesclavam entre 52 e 68 páginas. Entre as curiosidades contadas, a edição de agosto de 1938 trouxe aos ouvintes o funcionamento dos efeitos sonoros das peças teatrais do rádio, “que foi feito para ser ouvido e não ser visto” (PRANOVE, ago. 1938, p. 21). O sonoplasta responsável era Paulo Luiz Moura, apresentado como “o homem que é o ruído”:

Houve uma peça, aliás das mais empolgantes – O Grande Industrial – que apresentava uma fábrica em pleno funcionamento. Por certo a imaginação dos ouvintes viu as máquinas em movimento. Entretanto, se lhes fosse possível lá de longe ver o que se passava no estúdio encontrariam o Paulinho dirigindo uma batedeira elétrica para coquetel, produzindo os ruídos para a peça. Essa batedeira era a fábrica. Para aumentar o barulho, dando impressão de se achar em andamento uma grande máquina, a batedeira era colocada em cima de uma cadeira em falso. A trepidação fazia o resto. [...] – “Fulano, agora apaga a luz do quarto que eu quero dormir”, diz a madame ao deitar-se. E “tlec”, ouve-se o interruptor com seu barulhinho conhecido. Interruptor? Que nada: o Paulinho acionando um isqueiro velho, tipo Ford 1840. Há um incêndio. O fogo crepita. Quem está ouvindo à distância chega a ter vontade de afastar-se do seu receptor com receio do entulho. Entretanto, o incêndio é Paulinho em frente ao microfone, todo convencido de que é mesmo fogo, amarrotando lentamente uma folha de papel celofane. (PRANOVE, ago. 1938, p. 21).

A Mayrink também utilizava discos com gravações de sons para usar em peças, tais como grunhidos de animais, todos previamente preparados pelo então diretor técnico Estácio Lacerda. Algumas gravações sonoras também eram feitas nas ruas do Rio de Janeiro, indicando a movimentação da cidade, e reproduzidas no momento da atuação ao vivo na peça: “Esse é o poder maravilhoso do rádio, criando situações, inventando cenas, tudo dentro dessa causa paradoxal de dar à fantasia uma ação de controle técnico”. (PRANOVE, ago. 1938, p. 21)

Assuntos sérios também ocupavam páginas da *Pranove*. Exemplo disso foi a edição de dezembro de 1940, que traz um antagonismo do Natal durante a 2ª Guerra Mundial: “Infelizmente, a despeito de esforços apreciáveis, o mundo ainda vê transcorrer o Natal de 1940 sob a treva intensa da guerra, dessa guerra que consome vidas de homens úteis aos seus países e a

todos.” (PRANOVE, dez. 1940. p. 3). A crônica de Raul Bruce, conhecido como Gramury, diretor-redator da revista, ainda critica a Guerra, pela qual “são cometidos os maiores massacres de homens, a destruição de relicários de arte, a pulverização das oficinas de trabalho”, e também diz que não há nada para se comemorar no Natal: “devemos sentir tristeza, uma tristeza inventível, ouvindo o ruído do bordão de Papai Noel na sua avançada confraternização pelo continente americano, quando sabemos que além, no resto do mundo, não há tempo para recebê-lo”. Em 1941, a *Pranove* mudou de nome para revista *Vida Nova*.

3.5 Concorrência com a Rádio Nacional e perda da hegemonia

A hegemonia da Mayrink Veiga durou até 1940, quando perdeu força para a concorrente Rádio Nacional, fundada quatro anos antes pela empresa A Noite, grupo que editava os jornais *A Manhã* e *A Noite* (FERRARETTO, 2007, p. 110). Conforme Sônia Virgínia Moreira (1991, p. 24), o quadro até então predominante na área da publicidade radiofônica foi alterado em março de 1940 quando a Rádio Nacional foi estatizada pelo governo de Getúlio Vargas: “transformada em empresa estatal, mas com o direito de continuar a veicular anúncios, a Nacional inicia, assim, sua trajetória como líder de audiência” (MOREIRA, 1991, p. 24). A encampação do grupo A Noite pelo Estado Novo foi assim divulgada no jornal homônimo em 11 de março:

O Sr. Presidente da República, pelo decreto-lei n. 2.073, de 8 do corrente mês, incorporou ao patrimônio da União a rede ferroviária da Companhia São Paulo-Rio Grande, todo acervo das sociedades A Noite, Rio Editora e Rádio Nacional bem como as terras de concessão nos Estados do Paraná e Santa Catarina, que pertenciam à aludida Companhia de Estrada de Ferro.

Em consequência desse ato do governo, as empresas jornalísticas e de publicidade nele referidos passaram a nova direção, como já foi devidamente comunicado ao público. O vespertino *A Noite*, fundado e mantido vitoriosamente há cerca de trinta anos por um grupo de jornalistas brasileiros, volta à comunidade nacional liberado dos liames de negócios financeiros que acabaram por sujeitá-lo à dominação estrangeira.

Evidentemente, a organização legal destas empresas sofrerá oportunamente as modificações que o governo determinar. Contudo, podemos anunciar que é pensamento do sr. presidente da República restaurar as tradições de independência e imparcialidade, que deram ao insano labor dos rapazes fundadores desta folha o alto conceito popular, o cunho patriótico de sua orientação e a larga participação na vida social do país, que ainda hoje asseguram reconhecido prestígio às suas colunas.

Assim, a nova direção de A Noite não fez nenhuma alteração nos serviços jornalísticos, técnicos e comerciais da empresa. Os seus leitores e clientes encontrarão na direção, na redação, na gerência, no balcão, as mesmas pessoas, tratando da mesma forma e com mesmo espírito, os negócios jornalísticos e comerciais da empresa. Nenhuma perturbação foi posta nos contratos, compromissos e combinações anteriores, que prosseguem exatamente nos termos em que foram firmados, assumidos ou assentados.

Não nos escapou que algumas empresas concorrentes quiseram nos prejudicar noticiando o ato do governo de modo confuso e tendencioso, dando a entender

aos seus leitores que passaríamos a ser meramente um órgão oficial, paralisado no interesse burocrático, quando, na realidade, a nossa atual condição, por expressa determinação do sr. presidente da República, nos restabeleceu na liberdade primitiva, nos reintegrou no direito de servir o país com o esclarecido patriotismo que ninguém pode negar aos profissionais que trabalham nesta casa. (A NOITE, 11 mar. 1940, p. 1).

Conforme Sérgio Cabral (1996, p. 82), o argumento para a encampação do grupo A Noite foi uma dívida de £ 3 milhões (três milhões de libras esterlinas). “Era o que faltava ao Estado Novo: o jornal de maior circulação do Rio de Janeiro (*A Noite*) e a emissora de melhor penetração no Brasil”. (CABRAL, 1996, p. 82). Segundo Saroldi (2002-2003, p. 57), os funcionários da Rádio Nacional, de prefixo PRE-8, ficaram temerosos com a mudança por receio de perderem os empregos. Já na primeira reunião, o diretor contratado Gilberto Goulart de Andrade conquistou a confiança dos funcionários “ao assegurar a estabilidade da empresa e acenar com a perspectiva de um papel mais ambicioso para a PRE-8, talvez equivalente ao das rádios estrangeiras, como a BBC de Londres” (SAROLDI, 2002-2003, p. 57). Na nova fase, a Nacional passou a conquistar o mercado.

Até ali, a Nacional não conseguira desbancar a liderança de audiência da Mayrink Veiga, centrada principalmente no carisma de César Ladeira, nos talentos de Carmem Miranda e do Bando da Lua, no fino humor de Barbosa Junior e seu programa Picolino, nas dramatizações do *Teatro pelos Ares* ou nas informações do *Cine-Rádio Jornal* de Celestino Silveira. (SAROLDI, MOREIRA, 2005, p. 56).

Concorrência à parte, em 1939 as duas emissoras iniciaram a irradiação de um programa em conjunto: o *Divertimentos Lever*, com patrocínio de uma marca de sabonetes e pasta de dentes da empresa S.A Irmãos Lever. O programa reunia artistas das duas emissoras, Mayrink e Nacional, e era irradiado semanalmente nas sextas-feiras às 21h30 – a estreia, no dia 20 de maio de 1939, contou com 114 artistas das duas emissoras.

Três fatores em proporções máximas fazem do *Divertimentos Lever* o super programa do rádio: originalidade, arrojo e a melhor arte do **broadcasting**. Em cinco fases distintas, passando dos estúdios da Sociedade Rádio Nacional, para a rua, da rua para os estúdios da Mayrink Veiga, dos estúdios da Mayrink Veiga para a casa de um ouvinte, e desta última para os estúdios da Sociedade Rádio Nacional novamente. *Divertimentos Lever* assemelha-se a um filme de grandes proporções, repleto de emoção e suspense. A parte humorística de *Divertimentos Lever* está entregue aos quatro “ases” absolutos do gênero: Almirante, Barbosa Junior, Lamartine Babo e Silvino Netto [...]. Quanto a parte musical, *Divertimentos Lever* contam com as maiores expressões da música moderna no rádio: Radamés Gnatalli e Muraro. (A NOITE, maio 1939, p. 6).

A parceria durou pouco mais de um ano e acabou em agosto de 1940 quando o programa passou a ser exclusivo da Mayrink Veiga.

Segundo Ferraretto (2007, p. 113), “se a Mayrink havia reinado nos anos 1930, a Nacional começava a sua escalada rumo à liderança de audiência na década de 1940”. Em novo concurso radiofônico realizado pela revista *Fon Fon* entre o final de 1941 e o início de 1942, a preferência do público se dividiu entre Nacional e Mayrink Veiga.

Segue os resultados apurados em 20 de fevereiro de 1942 e divulgados na revista cinco dias depois (FON FON. fev.1942, p,51-54) – a quantidade de votos não foi disponibilizada, mas a classificação foi colocada em ordem de preferência do público:

MELHORES ESTAÇÕES

Rádio Mayrink Veiga (PRA-9)

Rádio Nacional (PRE-8)

Rádio Tupi (PRG-3)

Rádio Clube (PRA-3)

MELHORES SPEAKERS

César Ladeira (PRA-9)

Celso Guimarães (PRE-8)

Souza Filho (PRA-9)

Carlos Frias (PRG-3)

SPEAKERS ESPORTIVOS

Ary Barroso (PRG-3)

Oduvaldo Cozzi (PRA-9)

Gagliano Netto (PRE-8)

Antônio Cordeiro (PRA-3)

SPEAKERS RADIADORES

César Ladeira (PRA-9)

Celso Guimarães (PRE-8)

Souza Filho (PRA-9)

Paulo Gracindo (PRG-3)

Saint-Clair Lopes (PRE-8)

MELHORES COMPOSITORES

Ary Barroso (PRG-3)

Lamartine Babo (PRE-8)

Dorival Caymmi (PRG-3)

Ataulpho Alves (PRA-9)

MELHORES HUMORISTAS

Lamartine Babo (PRE-8)

Lauro Borges (PRA-3)

Nhô Totico (PRA-9)

CÔMICOS

Barbosa Junior (PRE-8)

Silvinho Netto (PRG-3)

Pinto Filho (PRA-9)

Zé Bacurau (PRG-3)

Grande Othello (PRA-9)

CÔMICOS REGIONAIS

Alvarenga-Bentinho (PRA-9)

Jararaca-Ratinho (PRE-8)

Xerêm (PRA-9)

MELHORES CONJUNTOS MUSICAIS**ORQUESTRAS**

Rádio Mayrink Veiga – Lazzoli (PRA-9)

Rádio Nacional (PRE-8)

Rádio Tupi (PRG-3)

Rádio Clube (PRA-3)

REGIONAIS

Rádio Mayrink Veiga – Pixinguinha (PRA-9)

Rádio Clube (PRA-3)

Rádio Nacional (PRE-8)

Rádio Tupi (PRG-3)

MELHORES INSTRUMENTISTAS

Muraro (PRA-9)

Radamés Gnatalli (PRE-8)

Fon-Fon (PRG-3) Pixinguinha (PRA-9)

Benedicto Lacerda (PRA-3)

MELHORES RADIOADORES

Plácido Ferreira (PRA-9)

Olavo de Barros (PRG-3)

Armando Louzada (PRA-9)

Antônio Laio (PRB-7)

Gastão André (PRA-9)

Renato Murce (PRA-3)

RADIADORES POLICIAIS (permanentes)

Alzira Zarur (PRA-9)

Souza Filho (PRA-9)

Paulo Roberto (PRD-2)

Manoel Braga (PRA-9)

RADIATRIZES

Cordélia Ferreira (PRA-9)

Ismenia dos Santos (PRE-8)

Annita Spá (PRA-9)

Zezé Fonseca (PRE-8)

Thereza Costa (PRA-9)

Tina Vitta (PRA-9)

Alda Verona (PRA-9)

MELHORES CANTORES

Francisco Alves (PRE-8)

Sylvio Caldas (PRG-3)

Carlos Galhardo (PRA-9)

Orlando Silva (PRE-8)

Cyro Monteiro (PRA-9)

Gilberto Alves (PRG-3)

CANTORAS

Carmen Miranda (PRA-9)
Dyrceinha Baptista (PRA-9)
Aracy de Almeida (PRG-3)
Odette Amaral (PRA-9)
Linda Baptista (PRE-8)

MELHORES ESCRITORES DE PROGRAMAS

Genolino Amado (PRA-9)
Almirante (PRE-8)
Gomes Filho (PRB-7)
Renato Murce (PRA-3)

ESCRITORES DE CRÔNICAS

Gilson Amado (PRA-9)
Genolino Amado (PRA-9)
Gomes Filho (PRB-7)

MELHORES CONJUNTOS VOCAIS

Banda da Lua (PRA-9)
Anjos do Inferno (PRG-3)
Garoto e os 4 Diabos (PRA-9)

TRIOS VOCAIS

Trio de Ouro (PRE-8)
Os 3 Marrécós (PRD-2)

DUPLAS VOCAIS

Joel-Gaúcho (PRA-9)
Irmãos Tapajós (PRE-8)
Henricão-Carmen Costa (PRA-9)

MELHORES ELENÇOS RADIATRAIS

Rádio Mayrink (PRA-9)
Rádio Nacional (PRE-8)
Rádio Tupi (PRG-3)
Rádio Clube (PRA-3)

MELHORES RADIATRÓLOGOS

Amaral Gurgel (PRE-8)
Gamury (PRA-9)
Saint-Clair Lopes (PRE-8)
Eugênio Figueiredo (PRA-9)
César Ladeira (PRA-9)
Armando Louzada (PRA-9)

RADIATRÓLOGOS POLICIAIS

Berliet Junior (PRA-9)
Annibal Costa (PRB-7)
Jorge Marinho (PRD-2)

RADIATRÓLOGOS DE ADAPTAÇÕES

Plácido Ferreira (PRA-9)
Victor Costa (PRE-8)
Olavo de Barros (PRG-3)

MELHORES PROGRAMAS

Curiosidades Musicais (PRE-8)
Calouros em Desfile (PRG-3)
Quadros da História Moderna (PRA-9)
Cortina Sonora (PRA-9)
Caixa de Perguntas (PRE-8)

PROGRAMAS RADIATRAIS

Pelos Ares (PRA-9)
Em Casa (PRE-8)
Tupi (PRG-3)

PROGRAMAS POLICIAIS

Sherlock (PRA-9)
Policia (PRB-7)
Mistério (PRD-2)

PROGRAMAS LITERÁRIOS

Biblioteca do Ar (PRA-9)
Serenata (PRE-8)
Penumbra (PRG-3)
Relicário (PRH-8)

PROGRAMAS FEMININOS

De Léa Silva (PRE-8)
De Elza Marzullo (PRG-3)
De Ilka Labarthe (PRD-2)

PROGRAMAS JUVENIS

Juventude Brasileira (PRE-8)

PROGRAMAS INFANTIS

Rádio Guanabara (PRC-8)
Rádio Cruzeiro do Sul (PRD-2)

PROGRAMAS PARTICULARES

Casé (PRA-9)
Luiz Vassalo (PRE-8)
Samba e outras Coisas (PRD-2)

PROGRAMAS RÁDIO-JORNALÍSTICOS

Diário da Guerra (PRA-9)
Você leu? (PRA-9)
Posta Restante (PRA-9)

PROGRAMAS DE CINEMA

Cine-Rádio Jornal (PRA-9)
Short Cinematográfico (PRD-2)
Cinema às Claras (PRE-8)

PROGRAMAS DE TEATRO

Que é que o Teatro tem? (PRE-8)
Jornal dos Teatros (PRG-3)
Teatro por Dentro (PRD-2)

PROGRAMAS INSTRUTIVOS

Palestras Culturais (PRA-9)

Enciclopédia Popular Pranove (PRA-9)

A Vida em Perguntas e Respostas (PRA-9)

Universidade do Ar (PRE-8)

PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ginástica – Diniz Magalhães (PRA-9)

CONCURSO DOS "MELHORES DE 42"		
1) Qual a melhor estação?	8) Qual o melhor cronista radiofônico?	Radiatral
2) Qual o melhor «speaker»?	De revista	Policial
«Speaker»-sportivo	9) Qual o melhor cantor?	Literário
3) Qual o melhor compositor?	Cantora	Sertanejo
4) Qual o melhor humorista?	10) Qual o melhor escritor de programas?	Feminino
Cômico	De crônicas	Juvenil
Cômico regional	11) Qual o melhor conjunto vocal?	Infantil
5) Qual o melhor conjunto musical?	Dupla	Particular
Orquestral	Trio	Radio-jornalístico
Regional	12) Qual o melhor elenco radiatral?	Instrutivo ou educativo
6) Qual o melhor instrumentista?	13) Qual o melhor radiador?	De educação física
7) Qual o melhor radiador?	Especificamente radiatral	Humorístico
Radiador policial	Radiador policial	Cômico
Radiatriz	Radiador de adaptações	15) Qual a verdadeira música popular brasileira?
14) Qual o melhor programa?		
NOME DO VOTANTE		
ENDEREÇO	CIDADE	
ESTADO	DATA	

Figura 7 - Cédula de votação do concurso radiofônico para eleger os melhores de 1942 (FON FON, nov.1941, p. 64)

Se no concurso de 1938 da revista *Fon Fon* a Rádio Mayrink foi hegemônica, e em 1942 a premiação foi dividida entre as emissoras cariocas, em 1945 a hegemonia foi da Rádio Nacional. Nos mesmos moldes de votação dos dois concursos anteriores, a *Fon Fon* apurou de setembro a dezembro de 1944 a preferência do público; a divulgação dos resultados aconteceu no dia 6 de janeiro de 1945. Foram 45 perguntas. A PRE-8 venceu em melhor estação, escritor de programas (Almirante), elenco radioteatral (*Rádio-Teatro PRE-8*, de Victor Costa), ator (Paulo Gracindo), artista de programa policial (Alziro Zarur), atriz (Ismenia dos Santos), locutor (Celso Guimarães), locutora (Lúcia Helena), cantor (Francisco Alves), trio musical (Trio de Ouro), músico (Radamés Ganattali), artista cômico (Barbosa Junior), dupla

cômica (Jararaca e Ratinho), programa instrutivo (*Universidade do Ar*), programa patriótico (*O pensamento do presidente Vargas*), programa de educação física (*Hora da Ginástica*), programa musical (*Um milhão de melodias*), programa de variedades (*Programa Luís Vassalo*), programa de calouros (*Campeonato Brasileiro de Calouros*), programa feminino (*A Voz da Beleza*), programa juvenil (*Tesouro da Juventude*), programa infantil (*Tapete Mágico da Tia Lúcia*), programa humorístico (*Barbosadas*) e radionovela (*Teatro Seriado PRE-8*). Já a Mayrink foi premiada nas categorias programa literário (*Biblioteca do Ar*), programa de educação moral (*O Mundo não vale o seu lar*), programa rádio jornalístico (*Comentários*, de César Ladeira), programa de esportes (*Esportes pela sua PRA-9*) e programa teatral de peças completas (*Teatro pelos Ares*). A festa de premiação aconteceu no dia 16 de fevereiro no auditório da Nacional, em um “**big show**” transmitido pela emissora.

ESTES SÃO OS “MELHORES DE 45”

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| 1 — Rádio Nacional, a melhor estação. | 25 — “Universidade do Ar”, o melhor programa instrutivo. |
| 2 — Amaral Gurgel, o melhor escritor rádio-teatral. | 26 — “O Pensamento do Presidente Vargas”, o melhor programa patriótico. |
| 3 — Almirante, o melhor autor de programas. | 27 — “O Mundo Não Vale O Seu Lar”, o melhor programa de educação moral. |
| 4 — “Rádio-Teatro PRE-8”, o melhor elenco teatral. | 28 — “Hora da Ginástica”, o melhor programa de educação física. |
| 5 — Paulo Gracindo, o melhor rádio-ator. | 29 — “Comentários”, o melhor programa rádio-jornalístico. |
| 6 — Alziro Zarur, o melhor policial. | 30 — “Um Milhão de Melodias”, o melhor programa musical. |
| 7 — Ismênia dos Santos, a melhor rádio-atriz | 31 — “Serestas de Sílvio Caldas”, o melhor programa de músicas brasileiras. |
| 8 — Celso Guimarães, o melhor locutor. | 32 — “Programa Luis Vassalo”, o melhor programa de variedades. |
| 9 — Lúcia Helena, a melhor locutora. | 33 — “Ondas Musicais”, o melhor programa de gravações. |
| 10 — Ari Barroso, o melhor locutor-esportivo. | 34 — “Campeonato Brasileiro de Calouros”, o melhor programa de calouros. |
| 11 — Ari Barroso, o melhor compositor-popular. | 35 — “Esportes pela sua PRA-9”, o melhor programa de esportes. |
| 12 — Alberto Ribeiro - João de Borro, a melhor parceria. | 36 — “Jornal dos Teatros”, o melhor programa sobre teatro. |
| 13 — Francisco Alves, o melhor cantor. | 37 — “Cine-Rádio Jornal”, o melhor programa de cinema. |
| 14 — Linda Batista, a melhor cantora. | 38 — “A Voz da Beleza”, o melhor programa feminino. |
| 15 — Anjos do Inferno, o melhor conjunto vocal. | 39 — “Tesouro da Juventude”, o melhor programa juvenil. |
| 16 — Trio de Ouro, o melhor trio. | 40 — “Tapete Mágico de Tia Lúcia”, o melhor programa infantil. |
| 17 — Joel e Gaúcho, a melhor dupla. | 41 — “Barbosadas”, o melhor programa humorístico. |
| 18 — Radamés Gnattoli, o melhor músico. | 42 — “Teatro Pelos Ares”, o melhor programa de peças completas. |
| 19 — Conjunto de Benedito Lacerda, o melhor regional. | 43 — “Teatro Seriado PRE-8”, o melhor programa de novelas. |
| 20 — Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Szenkar, a melhor orquestra. | 44 — “Boletim da Guerra”, o melhor programa de notícias da guerra. |
| 21 — Barbosa Junior, o melhor humorista. | 45 — “Eucalol”, o melhor patrocinador. |
| 22 — Jararaca e Ratinho, a melhor dupla-cômica. | |
| 23 — “Biblioteca do Ar”, o melhor programa literário. | |
| 24 — “Artistas Novos do Brasil”, o melhor programa de educação musical. | |

Figura 8 - Vencedores do concurso radiofônico de 1945 da Revista *Fon Fon* (FON FON, 24 fev. 1945, p. 15)

4 OS ANOS FINAIS DA RÁDIO MAYRINK VEIGA

Este capítulo tem o objetivo de resgatar a trajetória final da Mayrink Veiga, abordando o envolvimento político que levou ao fechamento da emissora na década de 1960.

4.1 César Ladeira é contratado pela Rádio Nacional

Com a perda da hegemonia para a Rádio Nacional, a Mayrink Veiga teve de se reinventar, mantendo programas já consagrados como *Teatro pelos Ares*, *Biblioteca do Ar*, *Programa Casé* e *Cortina Sonora*, mas também incorporando em sua grade programas esportivos (com o locutor Oduvaldo Cozzi), jornalísticos e políticos – como o *Panorama Político*, de César Ladeira, que trazia informações das “principais atividades parlamentares do dia” (GAZETA DE NOTÍCIAS, ago. 1947, p. 8).

Rádio Mayrink Veiga (PRA-9)

18h - Jornal.

18h15 - Olivinha Carvalho e Fernando Barreto.

18h45 - Galho de Urtiga. 18h55 - Xerém.

19h - Jornal Esportivo.

20h - Panorama Político.

20h15 - Números Musicais.

20h30 - Barreto e Barroso.

21h - Edú e sua gaita.

21h30 - Edgar Lafourcade.

22h - Comentários - Cortina Sonora.

22h20 - Geraldo Rocha Barbosa.

22h35 - Biblioteca do Ar.

23h - O mundo em sua casa.

24h – Encerramento.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 mar. 1948, p. 8).

Em uma crítica no jornal *Diário de Notícias* (out. 1948, p. 8), a Mayrink foi apontada como uma emissora com “velhos e decepcionados ouvintes”, que acompanhavam a emissora ainda em função da sua tradição, mas que a programação não era mais satisfatória em comparação com suas coirmãs do Rio de Janeiro, como Tupi e Rádio Nacional. Em 1949, o mesmo jornal apontou que a Mayrink Veiga era uma emissora em decadência:

Voltando alguns anos passados, é fácil lembrar o prestígio da PRA-9, seus programas variados e os artistas brilhantes que compunham seu **cast** [...]. Aos poucos a Mayrink Veiga foi perdendo ouvintes. Os programas já não exibiam a mesma variedade. A estação deixou de ser discutida [...]. De qualquer maneira, é de se lamentar o que está acontecendo com a Mayrink. A emissora é simpática e dispões de bons recursos técnicos. Falta-lhe, talvez, uma diretriz mais voltada aos problemas da radiodifusão moderna. O que se vê, no rádio carioca, indica que os programas para auditório estão influenciando na popularidade das estações,

pela farta distribuição de prêmios. Dinheiro chama dinheiro, assim dizem. Mais louvável seria, porém, que a PRA-9 não procurasse melhor destino aderindo ao falso rádio, que é o rádio para auditório. Renovar os programas, chamar bons artistas e locutores sim. O colega [Alziro] Zarur tem razão: renovar ou morrer... Vida para a Mayrink, são os votos dos antigos apreciadores da conceituada emissora. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, jan. 1949. p. 8).

Em novembro de 1948, César Ladeira se transferiu para a Rádio Nacional. Notícias e boatos sobre essa mudança do diretor artístico da Mayrink para a concorrente foram abordadas e desmentidas em jornais da época praticamente o ano inteiro. Ladeira ficou parte do ano afastado da Mayrink por conta de viagens para os Estados Unidos e Europa, o que fomentava a possibilidade de que não voltaria aos microfones da emissora onde estava por 15 anos. Exemplo disso foi a publicação do jornal *A Noite* de 23 de janeiro de 1948 anunciando que Ladeira deixaria a Mayrink, confirmando “os boatos insistentes”. A mesma publicação, entretanto, diz que não causaria espanto “se o famoso locutor ‘fizer as pazes’ com a Mayrink” (*A NOITE*, 23 jan. 1948. p. 9). Alguns jornais faziam questão de esclarecer aos leitores os boatos e a real situação de contrato de César Ladeira, sem especular.

Já há tempos, se não me engano em outubro de 1940, foi ventilado o assunto do contrato de César Ladeira com a Nacional. Foram feitas propostas e contrapropostas, terminando tudo com antes... César na Mayrink. E ficou até hoje. Mas, o rádio progride assustadoramente. As emissoras passam por transformações nos seus vários departamentos técnicos e comerciais. A Nacional por exemplo desfruta uma situação invejável entre as congêneres. A Tupi melhorou bastante. A Guanabara anuncia uma nova fase de realizações. Assim é que não podia a Mayrink Veiga ficar em plano inferior com as suas coirmãs, uma vez que é tida como uma das mais ouvidas estações do Brasil. Está em planejamento remodelações completas, com instalações moderníssimas, para competir com as demais emissoras. A reforma vai ser radical em todos os seus setores. Daí, surgem ondas e boatos no sentido do afastamento de César Ladeira. Houve mesmo quem dissesse que o **speaker** da Revolução de 1932 já estava de malas prontas para um novo compromisso com determinada emissora de prestígio. Em parte, parece que havia fundamento na notícia. César deixaria de figurar como um dos elementos preponderantes da vitoriosa Mayrink. Houve entendimentos e compreensão, e, ainda desta vez, o tiro saiu pela culatra. César continuará na Mayrink Veiga integrando a nova diretoria. Os seus numerosos fãs ouvirão a sua voz carregada nos erres, como locutor da PRA-9. Por uma medida de ampliação no departamento artístico, deixará a direção, continuando, entretanto, a emprestar o seu valioso concurso em outros setores, para melhor projeção do cenário radiofônico. Felizmente, em tempo, foi tudo bem resolvido, reinando a paz na família mayrinkiana. Salve, César! (GAZETA DE NOTÍCIAS, 5 mar. 1948, p. 6).

A assinatura de contrato com a Rádio Nacional ocorreu em 25 de novembro de 1948.

Desde que César Ladeira partiu para a Europa e para os Estados Unidos, interessado em conhecer o andamento da indústria de televisão, que se comentava nas rodas radiofônicas o seu afastamento da emissora, onde

desde 1933 vinha atuando com sucesso, emprestando fulgor de sua inteligência. Com o seu regresso, confirmaram-se os boatos, tendo César Ladeira entrando em entendimentos com a Rádio Nacional, entendimentos que ontem culminaram com a assinatura do contrato de um dos mais famosos locutores brasileiros com a maior emissora do continente. A colaboração de César Ladeira na Rádio Nacional, onde além de locutor será radioator, se reveste de fundamental importância porque fica evidenciado os esforços da PRE-8 em ampliar o seu quadro artístico, tornando-se cada vez mais digno dos aplausos dos ouvintes e anunciantes. (A NOITE, 26 nov. 1948. p. 2).

A estreia de Ladeira nos microfones da Rádio Nacional aconteceu na noite de 6 de dezembro de 1948. O mais famoso **speaker** da época lançou um programa na emissora, intitulado *Erros de Todo Mundo*. A atração inédita foi anunciada como uma “audição original e curiosa, além de divertida, pois, através de exemplos ilustrativos e de cenas radiofonizadas, o ouvinte ficará sabendo, em peregrinações pelos caminhos das artes, das letras, da ciência, os erros que todos nós cometemos” (A NOITE, 3 dez. 1948. p. 10). O programa tinha meia hora de duração e o **script** era de autoria do escritor e jornalista Gastão Pereira da Silva.

Além de César Ladeira, outros artistas como Carlos Galhardo, Odete Amaral, Genolino Amado e Ciro Monteiro também deixaram a Mayrink no final da década de 1940. Recuperar o prestígio e se renovar parecia ser palavra de ordem na emissora. Novos autores e artistas foram contratados como Mario Lago e Nelson Gonçalves, mas, conforme a revista *Fon Fon*, “tudo permaneceu como antes, o mal era mesmo de natureza mais grave” (FON FON, jun. 1949. p. 44). Em novembro de 1950, a Mayrink Veiga se renovou tecnicamente, inaugurando novos transmissores de 50 quilowatts, comprado da empresa norte-americana *Westinghouse*. Isso significou um maior alcance da emissora, “igual aos maiores [transmissores] do continente” (REVISTA DO RÁDIO, dez.1950, p. 7).

Era a Rádio Mayrink Veiga sendo levada Brasil a fora, nas vozes dos seus artistas de classe. Uma nova força encurtando as distâncias pelo milagre do rádio. Na solenidade de inauguração, Antenor Mayrink Veiga, presidente da Rádio Mayrink Veiga, ocupou o microfone para dizer, em palavras embargadas pela emoção, do quanto lhe representava aquele acontecimento. Relembrou o fundador da PRA-9, Alfredo Mayrink Veiga, seu pai, que em 1926 entre outros grandes empreendimentos fizera a emissora que se orgulhava de estar trabalhando há 24 anos pela cultura e o progresso de nossa gente e nossa terra. Bias Fortes, Ministro da Justiça, que representando o Presidente da República, teve palavras de elogio à Rádio Mayrink Veiga e sua obra louvável e fecunda [...]. Está, agora, a Rádio Mayrink Veiga funcionando com o seu potente transmissor que é igual aos maiores do continente. Sua palavra vai ao Brasil inteiro, levada por uma excelência de som que não comporta a menor crítica. Para isso, afim de melhor chegar até ao aplauso não só

de ouvintes da capital, mas principalmente aos do interior, a Rádio Mayrink cuida de sua programação com um carinho total, com informes, música e cartazes populares e queridos do público. (REVISTA DO RÁDIO, dez.1950, p. 6-7).



Figura 9 - Transmissores de 50 quilowatts da Mayrink Veiga inaugurados em 1950. Na reportagem da Revista do Rádio, os equipamentos foram comparados com uma bomba. (REVISTA DO RÁDIO, dez.1950, p. 5)

Em 1951, a Mayrink contratou Gilson Amado – que anos mais tarde foi idealizador da TV Educativa (TVE) – para superintendente. A contratação foi vista com bons olhos pelos jornais da época, esperançosos de que Amado fizesse uma renovação na antiga emissora de César Ladeira. A Mayrink também investiu na contratação de Gilberto Martins, que havia sido produtor de radionovelas e também diretor na Tupi. A ideia dos novos administradores era de aproximar a programação aos anseios da sociedade, popularizando a emissora, que almejava

alcançar a larga audiência do interior brasileiro com os novos transmissores inaugurados dois meses antes.

O fato de uma estação anunciar grandes modificações em seu elenco, ampliando-o e procurando melhor atingir às exigências do ouvinte, serve de ensejo para que a *Revista do Rádio* abra suas páginas divulgando a boa nova com o maior dos destaques. Por isso mesmo, aqui estamos trazendo ao leitor a informação, auspiciosa, de que a Rádio Mayrink Veiga recupera seu prestígio, vivendo uma fase que a colocará, sem dúvida, no primoroso plano das emissoras nacionais. A verdade é que a Mayrink Veiga é, agora, uma nova estação. Nova, sim, de prestígio antigo. Seus rumos neste começo de ano, estão traçados com objetivo único da conquista daquela imensurável legião de fãs que fazia morada na faixa dos seus 1.220 quilociclos e que voltará [...]. A PRA-9 tem novos artistas, diretores, radialistas e um superintendente credenciado por longa experiência radiofônica, intelectual e senso prático: o doutor Gilson Amado [...]. Encontramos Gilson Amado, lado a lado com Gilberto Martins, o famoso produtor que lançou *O Sombra*, *Em Busca da Felicidade* e outros tantos êxitos radiofônicos. Apesar de velhos amigos desde a infância, a reunião de duas figuras exponenciais do rádio deveria significar mais do que um encontro sentimental. E, de fato, significava: Gilberto Martins estava atendendo a um convite irrecusável para assumir a direção de rádio da PRA-9, um cargo feito sob medida para o antigo diretor da Rádio Tupi e revolucionário da técnica radiofônica. [...] Gilson Amado disse que era seu pensamento tornar a Mayrink Veiga numa instituição de utilidade pública, ventilando através do seu microfone todos aqueles problemas que o povo vive em grande escala. Além da parte recreativa e de caráter coletivo, pretende o novo superintendente da Mayrink levar até os ouvintes muito do cotidiano brasileiro, debatido em tempo oportuno, numa procura acentuada de soluções e roteiros. Atingir, enfim, um outro ângulo quase abandonado do rádio, mas de importância capital. Nesse prisma, argumentou Gilson, a PRA-9 terá todo o seu prestígio antigo e muito mais. (REVISTA DO RÁDIO, 16 jan. 1950, p. 12,13 e 44).

Em 1952, um ano depois da chegada de Gilson Amado, o superintendente da Mayrink assinou um acordo de colaboração com Victor Costa, então diretor da Rádio Nacional. “Neste tratado de cooperação mútua, reside uma das razões básicas para se crer no levantamento definitivo do prestígio da PRA-9”, anunciou a *Revista do Rádio* (29 abril, p. 49). Neste convênio entre as duas emissoras cariocas, alguns artistas contratados circulavam em ambos microfones – entre eles, César Ladeira, que passou a atuar como produtor e locutor, além de escrever uma série intitulada *Cafés Concertos* para a sua antiga emissora.

4.2 TV Mayrink Veiga

Em 1950, a partir implantação da primeira emissora de televisão no Brasil – a TV Tupi-Difusora (PRF-3), pertencente ao império de Assis Chateaubriand –, o rádio passou por uma transformação. Os profissionais que atuaram na TV nos primeiros anos eram, em sua maioria, vindos do rádio. De acordo com Maria Elvira Federico (1982, p. 81), a TV surgiu, ao contrário do rádio, já com um objetivo comercial. Segundo a pesquisadora, na época, ninguém sequer suspeitava como chegar a uma linguagem televisiva: “o caminho galgado pelo rádio fora árduo, porém o específico televisivo era outro e o pessoal era o mesmo. Partiu-se para uma experimentação curiosa”. (FEDERICO, 1982, p. 83). Conforme Ferraretto (2012, p. 13), o novo meio passou a dominar a captação de verbas publicitárias, atrair o público e o faturamento: “perde o espetáculo para todos – as novelas, os humorísticos e os programas de auditório –, que, acrescido de imagem, migra para a televisão”. (FERRARETTO, 2012, p. 13). A TV em seus primeiros anos era formada por aquilo que fazia sucesso no rádio, não por nada que as primeiras emissoras do novo meio eram ligadas a estações de rádio.

Em 1948, dois anos antes da implantação da TV Tupi em São Paulo, os jornais anunciavam como novidade que César Ladeira (ainda diretor da Mayrink Veiga) estava estudando a possibilidade de implantar a televisão no Brasil, com colaboração da Mayrink. Para tanto, o **speaker** fundou a sociedade Rádio Televisão do Brasil S.A. e realizou viagens para os Estados Unidos e Europa na finalidade de comprar os novos equipamentos. Em entrevista para o *Diário da Noite* em 24 de junho de 1948 (p. 3/ 5), Ladeira disse que a televisão já era uma realidade:

A televisão sempre me atraiu a atenção. Já em 1939 quando de minha primeira visita demorada aos Estados Unidos, tive ocasião de acompanhar de perto as experiências ainda incipientes da televisão em Nova Iorque [...]. Veio a guerra e a televisão foi relegada a um plano secundário, pelas razões óbvias de que serviria até como arma de guerra. E a prova de que as experiências não foram de todo abandonadas pelos técnicos é que, logo após cessadas hostilidades, a televisão, aparentemente estagnada, surgiu como uma realidade e com uma força de penetração espantosas [...]. Por que o Brasil ainda não havia cogitado possuir uma estação televisora? Era a pergunta que eu fazia a mim mesmo constantemente. Baseado em conversações anteriores com o sr. José Sampaio Freire, propusemos a lançar a base de uma grande companhia que tivesse como principal finalidade a instalação em nosso país de estações televisoras nos grandes centros e a distribuição comercial de aparelhos receptores. De início encontramos o interesse da Rádio Mayrink Veiga que, de acordo com as bases de um contrato já firmado, será a primeira estação do Rio de Janeiro que usará a estação televisora em conexão com a RTB [*Rádio Televisão do Brasil*]. Posso adiantar-lhe que já estamos em conversações comerciais com as mais importantes firmas americanas e inglesas para a instalação aqui no Rio de uma moderna e possante estação televisora, capaz de cobrir com eficiência toda a área da cidade. (DIÁRIO DA NOITE, jun. 1948, p. 3/ 5).

A pretensão de César Ladeira era, de início, comprar mil receptores de televisão para vender no Rio de Janeiro, “a fim de criar público para a nova estação” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, ago. 1948, p. 8). Em setembro de 1948, o *Diário de Notícias* anunciou que Ladeira havia comprado, durante uma viagem à Nova Iorque, os equipamentos transmissores para implantação da televisão.

A *General Electric Company* vendeu um equipamento completo de transmissor de televisão ao sr. César Ladeira para montar uma emissora no Brasil, aliás a primeira da América Latina. A estação funcionará no Rio e começará as suas transmissões dentro de um ano. Em declaração à imprensa, o sr. César Ladeira manifestou que os programas de televisão serão de 25 a 30 horas por semana e que incluirão esportes, shows, filmes, assuntos internacionais e educativos. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 8 set. 1948, p. 4).

Conforme divulgado pela própria empresa de Ladeira nos jornais da época, os contratos firmados com a *General Electric* incluíam o fornecimento de todo o equipamento transmissor, com potência de 5 quilowatts, três câmeras, além de outros equipamentos de estúdio. No entanto, o negócio foi cancelado por falta de dólares no Banco do Brasil. Em função disso, o fornecedor foi trocado para a *Pye Limited*, de Cambridge, na Inglaterra. Em 1949, a Rádio e Televisão do Brasil obteve decreto federal para explorar os serviços de rádio e televisão. Em fevereiro do ano seguinte, as plantas arquitetônicas do local onde seria montada a estação, no Pão de Açúcar e no Morro da Urca, foram aprovadas e o número 30 da rua Vieira Bueno, no Rio, foi o endereço escolhido para ser o estúdio da nova emissora (DIÁRIO DA NOITE, 19 abril 1950, p. 5).

O projeto não saiu do papel. Em janeiro de 1952, César Ladeira e seu sócio, José Sampaio Freire, foram acusados de fraude por um acionista. Conforme noticiado no *Diário da Noite* (26 jan. 1952, p. 2), os dois foram apontados por gastarem 15% do capital da sociedade, enquanto a lei autorizava gastos de até 10%. No mês seguinte, o presidente Getúlio Vargas assinou decreto considerando caduca a concessão outorgada à Rádio Televisão do Brasil. Mas os anseios da Mayrink de ter um canal de TV não terminaram com o fim da sociedade de Ladeira. Em 1957, as Organizações Victor Costa, do ex-diretor da Nacional, faziam planos para montar a estação da Mayrink Veiga – conforme Sonia Virgínia Moreira (1998, p. 62), Victor Costa havia comprado, no final dos anos 1940, uma parcela de ações da Rádio Mayrink. O esboço da nova emissora de TV era majestoso: os estúdios ficariam na Lagoa Rodrigo de Freitas, como um “porta-aviões”, e o local contaria também com um teatro, piscina, **playground** e restaurantes (DIÁRIO CARIOCA, jun. 1957, p. 1). Mas o projeto não teve futuro e Victor Costa adoeceu e faleceu em 1959.

O empresário Assis Chateaubriand, que comprou as ações da Mayrink pertencentes à Organização Victor Costa, foi quem mais perto chegou da implantação da TV Mayrink. Em 1958, Chateaubriand, então embaixador na Inglaterra, até a convidou Sarah Churchill, filha de Winston Churchill, para a inauguração da estação de televisão da Mayrink Veiga (CORREIO DA MANHÃ, 26 jul. 1958, p. 8). A emissora chegou a ir para o ar, de forma experimental, em 1960. Conforme o *Jornal dos Sports* (30 jul. 1960, p. 2), a estação da Mayrink transmitiu pela primeira vez em 28 de julho de 1960, uma quinta-feira. Os estúdios ficavam no mesmo prédio da TV Tupi do Rio de Janeiro, sendo a segunda televisão associada do estado fluminense. A experimental TV Mayrink Veiga ocupava o canal 2 e era administrada por Paulo Cabral e João Calmon (JORNAL DO BRASIL, 9 dez. 1960, p. 3). Em 1961, a emissora transmitia filmes, ainda em caráter experimental. Em 1963, o canal 2 passou a pertencer à TV Excelsior, o que pôs fim na tentativa da Mayrink de ter uma emissora de TV.

4.3 Uma emissora a serviço de Leonel Brizola

A Rádio Mayrink Veiga foi, nos anos 1960, uma das mais engajadas politicamente. Esta mudança de papel editorial começou em 1962, quando a parcela restante das ações da rádio foi vendida pelo herdeiro Antenor Mayrink Veiga para o grupo de Miguel Leuzzi⁸ (MOREIRA, 1998, p. 62). Conforme Moreira (1998, p. 62), Leuzzi já era proprietário de uma rede de emissoras no interior do estado de São Paulo. A partir de 1962, a Rádio Mayrink Veiga passou a dividir com a Rádio Piratininga (ex-Cruzeiro do Sul) o comando desta cadeia radiofônica que possuía mais 37 emissoras.

Ainda conforme Moreira (1998, p. 62), para complementar a nova linha editorial da rádio foi contratado o repórter e apresentador Raimundo Nobre de Almeida, que até então apresentava na Rádio Mauá – emissora oficial do Ministério do Trabalho⁹ – o programa *O trabalhador se diverte*, líder de audiência. Raimundo era alinhado com João Goulart, o que também justificava a contratação, uma vez que a nova Mayrink era aliada à política do então presidente. Jornais da época publicavam que o “verdadeiro comprador” das ações da Mayrink Veiga, que se escondia atrás de Leuzzi, era Leonel Brizola, como “primeiro passo na conquista da Guanabara, por onde será candidato” (ÚLTIMA HORA, jan. 1962, p. 3). A notícia era desmentida pelos políticos.

⁸ Miguel Leuzzi foi deputado federal por São Paulo de 1958 a 1962 pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN). Em 1962, candidatou-se a uma suplência no Senado, pela coligação formada pelo Partido Social Democrático (PSD), Partido de Representação Popular (PRP) e Partido Social Progressista (PSP), não obtendo sucesso. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [s.d.]).

⁹ Criada em 7 de setembro de 1944, a partir da encampação da Rádio Ipanema, que era de propriedade de alemães e foi confiscada no momento em que o Brasil aderira ao bloco de países aliados que se encontrava em guerra contra a Alemanha. A nova emissora passou então a ficar subordinada ao Ministério do Trabalho, por onde o ministro falava diariamente. (SIQUEIRA, In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [s.d.]).

Pelo menos dois radialistas atuantes na época confirmaram essa hipótese: segundo Ademar Casé¹⁰, a Mayrink foi comprada por Brizola para ajudar a promover o governo de João Goulart e divulgar um tipo de política sindical. Para Hélio Tys¹¹, o grupo da família Leuzzi não possuía recursos suficientes para investir na emissora, facilitando a intervenção de Brizola, que teria passado a financiar a rádio. Isaac Zaltman¹², entretanto, afirma que no Inquérito Policial Militar (IPM 709) realizado depois do golpe de 1964, representante das empresas do senador Miguel Leuzzi provou com documentos que Leonel Brizola apenas alugava regularmente horários na programação da Mayrink Veiga para veicular seus discursos. (MOREIRA, 1998, p. 63).

De qualquer forma, a Mayrink era uma emissora a serviço de Brizola, por onde o gaúcho irradiava palestras e pronunciamentos políticos semanalmente. Nos jornais, estas participações de Brizola na emissora eram amplamente divulgadas, em espaços comprados para propaganda. Algumas notas nos periódicos falavam em “sintonizar o patriotismo” (JORNAL DO BRASIL, ago. 1962, p. 3), outras anunciavam a rádio como uma forma de se comunicar com Brizola. O político gaúcho se elegeu deputado federal pela Guanabara em 1962 com 245 mil votos, “uma vitória estupenda, fora dos padrões da época” (MOREIRA, 1998, p. 63). Após as eleições, em 10 de outubro de 1962, o *Jornal do Brasil* noticiou um fato curioso: muitos votos para Leonel Brizola quase foram anulados por erro na grafia do nome do político, o voto foi validado devido ao número correto, 512, preenchido na cédula. Isso porque, segundo o jornal, muita gente escreveu “Manoel” para denominar o candidato eleito. A explicação para isto é a sonoridade do nome, que é parecida com “Leonel”. Como parte da população carioca não estava familiarizada com o político, entenderam “os presidentes [dos tribunais eleitorais] que os eleitores que assim precederam devem ser ouvintes de rádio”, mostrando a força das aparições de Brizola na Mayrink (JORNAL DO BRASIL, 10 out. 1960, p. 4).



Figura 10 - Anúncio de palestra de Brizola na Mayrink (JORNAL DO BRASIL, 12 ago.1962, p. 3)

¹⁰ Criador do *Programa Casé*.

¹¹ Jornalista e radialista, produtor da Rádio Globo por três décadas.

¹² Ex-apresentador da Mayrink Veiga.

A campanha política da Mayrink acabou desagradando o lado ideológico oposto, como o então governador Carlos Lacerda – que trabalhou como comentarista diário na emissora no final da década de 1940. Em 14 de setembro de 1962, o exército da Guanabara, cumprindo ordens de Lacerda, invadiu a rádio para levar o diretor Raimundo Nobre de Almeida até a Divisão de Polícia Política e Social (DPPS), com alegações de que a Mayrink havia infringido a lei eleitoral, fazendo propaganda para candidatos. Ação foi interferida pelo Exército após telefonema de Raimundo e as tropas nacionais permaneceram na porta da Mayrink, impedindo qualquer sanção do governo estadual.

O presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara, Desembargador Homero Pinho, solicitou ontem ao procurador regional eleitoral, sr. Eduardo Bahouth, enérgicas providências para impedir a presença de forças do Exército à porta da Rádio Mayrink Veiga, por entender que isso constitui “intervenção federal de fato” no estado. O procurador decidiu acompanhar pessoalmente o inquérito policial instaurado por ordem do TRE, para apurar responsabilidade no episódio ocorrido na rádio na noite de sexta-feira, quando o Exército impediu a ação de dois policiais incumbidos de convidar o diretor do Departamento Jornalístico da emissora a comparecer à DPPS [...]. O sr. Leonel Brizola representará, hoje, no Tribunal Regional da Guanabara, contra o governador daquele estado, porque, segundo o governador gaúcho, o sr. Carlos Lacerda “está intervindo no pleito eleitoral, através da interferência policial”. (JORNAL do BRASIL, 19 set. 1962, p. 4)

Em junho de 1963, Raimundo de Almeida deixou a Mayrink para voltar para a Rádio Mauá, nomeado para o cargo de diretor presidente por João Goulart (MOREIRA, 1998. P. 64). Já a rivalidade de Carlos Lacerda e a Mayrink durou até 1964, quando o político voltou aos microfones da rádio para defender a Ditadura Militar em novos programas que mantinham a rádio no ar – “esse era o único caminho de sobrevivência para a rádio: uma guinada radical na programação política e informativa para manter-se no ar e superar o momento de mudanças do quadro político brasileiro”. (MOREIRA, 1998. P. 64)

4.4 A programação da Mayrink Veiga na gestão de Miguel Leuzzi

A programação da Mayrink Veiga no início dos anos 1960 não era mais a mesma do que na época dos espetáculos. Programas esportivos e jornalísticos estavam em evidência na grade da emissora, a exemplo da atração *O mundo em sua casa*, noticiário de uma hora de duração transmitido às 7h e à meia noite; e *A frente de reportagens*, programa de entrevistas de Raimundo Nobre de Almeida; havia também informativos curtos durante a programação, e um dos apresentadores que passaram pelo microfone da Mayrink nestes noticiários foi Cid Moreira. No auditório, a música popular dos anos 1930 deu o lugar ao rock no programa *Hoje é dia de rock*, de produção de Jair Taumaturgo e apresentado por Isaac Zaltman – o “programa da juventude” era apresentado do

auditório da TV Tupi e irradiado de segunda à sexta-feira das 18h às 18h30 e aos sábados das 14h às 15h. Ainda em conteúdo musical, a emissora transmitia semanalmente nas quartas-feiras, às 21h, o programa *Musical Antônio Maria*, no qual a cantora Elza Soares era a grande estrela. A outra parte da grade era preenchida com humorísticos como *A cidade se diverte*, programa de esquete escrito por Haroldo Barbosa, onde o personagem professor Raimundo, de Chico Anysio, fez parte. Outro humorístico era o *Vai levando*, irradiado uma vez por semana, nas quartas-feiras, com produção de Chico Anysio. Entre outros programas que preenchiam a grade da Mayrink, um dos de maior audiência era *Peça bis pelo telefone*, atração musical em que diversas canções eram executadas e os ouvintes participavam ligando para a emissora para selecionar aquelas que queriam que repetissem na parte final do programa.

Ainda em 1962, a Rádio Mayrink Veiga começou a irradiar o programa *Repórter Petrobrás*, noticiário que tentava concorrer com o *Repórter Esso*, e que era transmitido simultaneamente em outras três emissoras: Rádio Gaúcha, no Rio Grande do Sul, Rádio Nacional, em Brasília, e Rádio Piratininga, em São Paulo (ÚLTIMA HORA, 8 set. 1962, p. 5). O programa apresentado pelo locutor Ewerton Côrrea era irradiado em cinco horários diários de segunda a sábado – 7h59, 12h54, 18h59, 20h24 e 22h04 – e aos domingos irradiava em dois horários – 12h54 e 20h24. Em cerca de três meses, o noticiário era, conforme pesquisa Ibope divulgada pela própria Mayrink nos jornais, o segundo programa do gênero em audiência no Rio de Janeiro, que contava com outros informativos como *Repórter Esso*, na Nacional, *Jornal Brasil informa*, na Rádio Jornal do Brasil, e *Globo no Ar*, da Rádio Globo.

REPÓRTER PETROBRÁS

Pesquisa efetuada pelo I.B.O.P.E.
(Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) atesta que o REPÓRTER PETROBRÁS, 90 dias após seu lançamento, obteve o segundo lugar em audiência entre os Noticiários da Guanabara. Ouça-o você também na

RÁDIO MAYRINK VEIGA

às
7.59 – 12.54 – 18.59 – 20.24 e 22.04
com a
notícia imparcial e a interpretação
brasileira

Figura 11 - Anúncio do *Repórter Petrobrás* no *Jornal do Brasil* (4 jan. 1962, p. 3)

O noticiário da Petrobrás na Mayrink foi motivo de acusações de corrupção por parte de Carlos Lacerda. O político denunciava que a emissora carioca era “financiada pela Petrobrás, que em vez de refinar petróleo vem refinando diariamente mentiras” (JORNAL DO BRASIL, 11 jun. 1963, p. 5), e continuava: “aquilo que já foi gasto na Mayrink daria para perfurar e manter em funcionamento um poço de petróleo produtivo” (JORNAL DO BRASIL, 25 jul. 1963, p. 4). Carlos Lacerda afirmava que a Petrobrás se constituía na “maior empresa de corrupção política do Brasil” (JORNAL DO BRASIL, 15 ago. 1963, p. 4), e as denúncias acarretaram a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) a respeito. O relatório da CPI, divulgado nos primeiros meses da Ditadura Militar, apontava que a estatal utilizava dinheiro para “enaltecer a política subversiva”, e afirmava que a Mayrink Veiga recebia “Cr\$ 1,2 milhão mensalmente apenas pelo programa *Repórter Petrobrás*, já que outros recibos em importâncias menores referiam-se a outras divulgações” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16 jun. 1964, p. 2).

4.5 O envolvimento político e a cassação da outorga da Mayrink Veiga

Em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, o Brasil mergulhou numa grave crise institucional. O vice-presidente eleito, João Goulart, de acordo com a Constituição de 1946, tinha a prerrogativa legal de assumir o cargo, mas ele estava em uma viagem oficial na China e sua posse não se concretizou, pelo menos naquele momento (TAVARES, 2015, p. 5). A posse de Jango, político com extensa tradição trabalhista, gerava alegações de que significaria uma ameaça à ordem e às instituições e sofreu oposição de militares, empresários e adversários políticos (PAULO, 2016, p. 37). “Os fatos daquele mês de agosto indicaram que os militares pareciam não acreditar mais nas alternativas civis, ensaiando o golpe desfechado em 1964” (FERRARETTO, 2007, p. 145). Em defesa do cumprimento da Constituição, Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, articulou a resistência para a posse de Goulart. Em Porto Alegre, o governador gaúcho iniciou uma campanha de alcance nacional por meio de uma cadeia radiofônica: a Rede da Legalidade, transmitida do Palácio do Piratini com equipamentos encampados da Rádio Guaíba (FERRARETTO, 2007, p. 145). Deu certo; quando Jango retornou ao país, assumiu a presidência.

Dois anos depois, em 1963, o Brasil continuava enfrentando uma forte crise política, traçada pelas tentativas de Jango de se manter no poder e cumprir seu programa de governo, firmado nas “reformas de base” (PAULO, 2016, p. 7). Como já mencionado, neste período a Rádio Mayrink Veiga pertencia a Miguel Leuzzi e abria semanalmente – e sempre que achasse oportunidade – os microfones para Brizola. E, é nesse momento de instabilidade e defesa das

reformas sociais, que o político gaúcho utilizou da experiência que havia tido em 1961 e novamente recorreu à “força do rádio” (TAVARES, 2015, p. 2), tentando recriar uma cadeia de resistência: a Rede do Esclarecimento.

O levante gaúcho de 1961 constitui etapa necessária para o futuro advento da Rede do Esclarecimento, devido principalmente a dois fatores, a saber, o relativo sucesso da empreitada e a contribuição radiofônica na efetivação de um de seus objetivos. (PAULO, 2016, p. 26).

A Mayrink era a líder desta nova cadeia radiofônica, por onde Brizola comunicava aos adeptos como agir. Mas a Rede do Esclarecimento não se bastava apenas no rádio, havia outras duas frentes: o jornal *O Panfleto*¹³, assinado por Brizola, e uma mobilização popular denominada de Grupos dos Onze. Conforme explica Diego Dória Paulo em sua dissertação de mestrado (2016, p. 53), o grupo era composto por qualquer cidadão que quisesse participar da rede organizada por Brizola. Para isto, um formulário com a localização e os nomes dos inscritos deveria ser preenchido e enviado para a Mayrink Veiga, só podendo conter 11 participantes por grupo – “sendo um deles o líder, ou capitão do time, como Brizola nomeou o cargo, para manter a metáfora futebolística que inspirou o nome do projeto”. A frente de mobilização brizolista contava com “sete funcionários na tarefa de receber cartas, que são inúmeras, e respondê-las” (JORNAL DO BRASIL, 23 jan. 1964, p. 4). De acordo com o petebista, em um dos pronunciamentos na Mayrink, os grupos eram uma:

Organização popular para atuar, para agir, para lutar. Não para tomar chá. Essas unidades irão atuar e se reunir não para tomar chá ou para fazer crochê. Não. Exatamente com o propósito de defender as conquistas democráticas do nosso povo e avançar. Pela realização de uma democracia autêntica. Pela realização imediata das reformas e pela conquista de nossa liberdade. Se pretenderem golpear as nossas liberdades, as nossas conquistas democráticas, não tenham dúvida. A luta vai sair! Vai haver luta! (aplausos) ((Fundo BR APERJ DOPS/GB CX 2 fita 4, apud PAULO, 2016, p. 53)¹⁴.

Os participantes dos Grupos dos Onze deveriam ouvir as intervenções de Brizola na Rádio Mayrink Veiga e, a partir daí, fundamentar sua atuação. “Assim, os debates políticos que eram articulados em *O Panfleto* e na Rádio Mayrink Veiga (com frequência, na rádio apenas se lia o publicado no jornal, mas não sempre) encontravam nos grupos importante plataforma de

¹³ O jornal circulou de 17 de fevereiro de 1964 até 30 de março, “totalizando 41 dias de atividade e sete edições publicadas” (PAULO, 2016, p. 60).

¹⁴ Transcrição de Diego Dória Paulo de uma das “cinco fitas k7” com registros sonoros de Brizola na Rádio Mayrink Veiga, arquivados pelo Departamento de Ordem Política Social (DOPS) do Estado da Guanabara e que se encontram aos cuidados do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). O material fez parte do inquérito de investigação e dossiês sobre os Grupos de Onze – considerado subversivo na Ditadura Militar – e “não se encontra datado com precisão, referindo-se genericamente ao biênio de 1963- 64”. (PAULO, 2016, p. 42).

difusão”. (PAULO, 2016, p. 9). O *Jornal do Brasil* noticiou, em 23 de janeiro de 1964, como funcionaria o informativo impresso da frente de mobilização promovida por Brizola que se organizava “pela defesa das conquistas democráticas, pelas reformas imediatas e pela libertação nacional”:

Leonel Brizola e seus companheiros da Frente de Mobilização Popular mandaram imprimir 100 mil boletins para os Grupos dos Onze Companheiros, que são distribuídos por todo o país. Trata-se de um folheto anunciando que “aproximamo-nos deste período cruel que se iniciou desde o fim da última guerra”. (JORNAL DO BRASIL, 23 jan. 1964, p. 4).

Brizola dominava a oratória e sabia como atingir e se aproximar do público através da informalidade nos microfones. Além disso, os discursos na Mayrink eram pontuados por aplausos de apoiadores que eram convidados para irem ao estúdio, “sugerindo à audiência sobre como se comportar a respeito do que acabara de ouvir” (PAULO, 2016, p. 56). Mas, apesar do talento de Brizola como agregador das massas, a Rede do Esclarecimento não obteve o mesmo sucesso do que a Rede da Legalidade e os militares tomaram o poder em 1964.

No primeiro dia da Ditadura Militar, em 1º de abril, o exército ocupou as Rádio Nacional e a Mayrink Veiga e interrompeu as irradiações. A repressão era em virtude das atuações políticas que as emissoras faziam nos últimos meses de governo. “O ex-governador gaúcho usava o microfone da Mayrink para suas pregações políticas. Os militares não esqueceriam isto”. (FERRARETTO, 2007, p. 150).

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio Mayrink Veiga foram ocupadas ontem, às 16 horas, por tropas do exército, substituindo os fuzileiros navais que durante todo o dia ocuparam as instalações daquelas emissoras. O sr. Hermilício Fróes 15 e outros membros da diretoria da Rádio Nacional retiraram-se apressadamente, logo que pressentiram a aproximação dos soldados. Duas válvulas de transmissão foram quebradas, além de outras danificações nas instalações.

A ocupação foi feita de surpresa, tendo o oficial que comandava a operação chegado a uma das emissoras quando ainda eram transmitidas notícias e apelos de resistência ao que chamavam de “golpe contra a legalidade”. A Mayrink Veiga teve sua porta trancada e seus transmissores desligados até segunda ordem. Seu diretor, sr. Miguel Leuzzi, estava desaparecido, segundo informações de funcionários da rádio.

Funcionários da Rádio Nacional disseram que o sr. Hermilício Fróes, antes de abandonar o seu posto, determinou que fossem danificadas suas instalações, a fim de impedir que a emissora fosse ao ar nas próximas horas. Os radialistas Hamilton Frazão e César do Alencar, seus atuais diretores, informaram que a Nacional deve fazer, durante os próximos dias, um levantamento da crise, além de estabelecimentos ao povo sobre as origens e o sentido do movimento que afastou do poder o sr. João Goulart. (JORNAL DO BRASIL, 2 ab. 1964, p. 2).

¹⁵ Então diretor da Nacional e presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Rádio e Televisão do Rio de Janeiro.

Os militares vasculharam as gavetas do prédio da Mayrink Veiga e diversos arquivos foram apreendidos, entre os quais cartas dos Grupos dos Onze identificando integrantes que passaram a ser perseguidos por serem considerados subversivos.

A Divisão de Polícia Política e Social, examinando o material apreendido na Rádio Mayrink Veiga, encontrou ontem diversas cartas recebidas pelo ex-deputado Leonel Brizola dos chamados Grupos dos Onze, os quais, além de informar sua composição, solicitavam instruções e material para entrar em ação. (JORNAL DO BRASIL, 28 abril 1964, p. 5).

No dia 4 de abril, a Mayrink voltou ao ar com permissão de transmitir, “até segunda ordem”, apenas música, notas oficiais do governo e futebol. Um grupo de funcionários, chefiado pelo locutor esportivo Oduvaldo Cozzi, foi escalado pelos militares para administrar a emissora.

A Rádio Mayrink Veiga, que está virtualmente chefiada pelo locutor Oduvaldo Cozzi, deixou de irradiar seus jornais falados e demais programas de estúdio. As portas dos diversos departamentos da emissora continuam lacradas. (CORREIO DA MANHÃ, 11 abril 1964, p. 6).

Programas humorísticos e de auditório tiveram permissão para irradiar, ainda que sob censura, no final de abril. Conforme Moreira (1998, p. 69), “a Mayrink alterou radicalmente sua forma de envolvimento político, adaptando a programação à nova realidade do país”. O adversário de Brizola, Carlos Lacerda foi um dos políticos que passaram a ocupar os microfones da emissora nesta nova fase.

Em 28 de julho de 1965, o governo federal decidiu fechar a Mayrink. O decreto foi publicado no Diário Oficial da União e considerava caduca a autorização de funcionamento da emissora “em ondas longas e curtas, com base no Art.16, alínea L, do decreto nº 21.111, que prescreve a intransferibilidade direta ou indireta da concessão” (JORNAL DO BRASIL, 28 jul. 1965, p. 11). Conforme Lia Calabre (In: BOLAÑO; BRITTOS, 2005, p. 294), a Rádio Globo recorreu à justiça, em 1962, tentando o fechamento da Mayrink, sob alegação de que a transferência das ações para o grupo de Miguel Leuzzi infringia a lei, uma vez que a concessão de transmissão havia sido dada por Getúlio Vargas nos anos 1930 para a família Mayrink Veiga como sócio majoritário. A denúncia aconteceu em 1962, porque a emissora de Roberto Marinho estava interessada na posição do **dial** da Mayrink.

Traduzindo: o governo militar não queria a Mayrink no ar e, para isto, resgatou uma lei do período Vargas, alegando irregularidades na operação de transferência da Rádio pelos Mayrink Veiga ao grupo Leuzzi. O texto legal que os militares usaram como base continha inúmeras distorções, entre elas a que permitia ao governo federal declarar como vencida qualquer concessão para exploração dos serviços de radiodifusão, ao mesmo tempo que desobrigava-se de qualquer indenização ao concessionário atingido. (MOREIRA, 1998, p. 71).

Conforme Estácio Brugger Lacerda (apud MOREIRA, 1998, p. 71), um dos diretores da rádio até a sua extinção:

O Senador Leuzzi não cumpriu com todas as suas obrigações legais, o que deu margem à Rádio Globo, através do sr. Roberto Marinho, de recorrer à justiça para o seu fechamento. O interesse da Globo justificava-se pelo fato de que, na época, possuía frequência *emprestada*¹⁶ do Chile, a qual estava sendo requisitada. Portanto, possuir a frequência da Mayrink Veiga lhe traria a segurança de transmissão.

Por meio do Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), a Mayrink conseguiu recorrer da decisão governamental e voltou ao ar oito dias depois, de forma provisória por mais três meses. Pesou para a decisão o fato de que a emissora tinha mais de mil funcionários que temiam o desemprego. Neste período, uma Junta Governativa foi escolhida pelos militares para administrar a rádio.

Sem festas ou foguetes, apenas entre os sorrisos de seus funcionários, a Mayrink Veiga voltou ao ar, ontem, a partir das 20 horas, oito dias após a cassação de seus canais pelo Conselho Nacional de Telecomunicações. O primeiro programa da emissora foi de esportes, apresentado por Oduvaldo Cozzi, logo depois do Hino da Mayrink Veiga, que acompanha sua programação há mais de 29 anos e que deverá continuar somente por mais 90 dias, quando terminará o prazo dado pelo Contel. A partir de ontem, a emissora passou a ser administrada por uma Junta Governativa [...]. Os programas da Mayrink Veiga, anteriores à cassação de seus canais, serão mantidos até seu fechamento definitivo. O presidente do Contel, capitão Euclides Quandt de Oliveira, expediu nota autorizando que as frequências da Mayrink sejam operadas pelo prazo de três meses, a contar da presente portaria e revelando os nomes dos membros da Junta Governativa. Através de uma série de considerações, o Contel explica a situação da emissora e o motivo da autorização (“quando há interesse público na continuação dos serviços”). O interesse público, no caso, se filia ao interesse social, “de possibilitar aos trabalhadores um prazo razoável que reduza os prejuízos do fechamento da Rádio”.

– Consideramos os apelos formulados pelos funcionários da emissora, através da sua Federação e do seu Sindicato, no sentido de ser concedido um prazo mínimo a fim de que aqueles empregados pudessem encontrar novas colocações – frisa a nota do capitão Quandt. (JORNAL DO BRASIL, 6 ago. 1965, p. 10)

A medida provisória acabou e, em 3 de novembro de 1965, a rádio teve seus transmissores lacrados. O último programa transmitido foi o humorístico *Alarico Malasorte* (JORNAL DO BRASIL, 4 nov.1964, p. 16). Conforme Norma Hauer, as últimas palavras que foram ao ar foram de Isaac Zaltman, às 20h43: “Senhoras e senhores, por determinação superior a Rádio Mayrink Veiga sai do ar neste momento. Boa noite. Até a próxima” (HAUER, 2011, p. 132). Miguel Leuzzi recorreu à decisão no Supremo Tribunal Federal, mas, por oito votos a dois, o

¹⁶ Grifo da autora.

pedido de anulação da cassação da outorga foi negado no dia 3 de junho de 1966, encerrando por definitivo a história da Mayrink.

Segundo Moreira (1998, p. 71), “muitos arquivos – sonoros, **scripts** de programas e administrativos – foram perdidos” após o fechamento definitivo da Mayrink. Uma parte, que foi salva, foi doada ao Arquivo Nacional pela Sociedade Anônima de Engenheiros e Economistas Consultores, que comprou o local onde funcionou os transmissores da emissora. “O que restou do prédio que abrigava os estúdios da Rádio, na Rua Mayrink Veiga, centro do Rio, não indica que ali algum dia funcionou uma das emissoras mais importantes do rádio brasileiro” (MOREIRA, 1998, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados expostos em *Rádio Mayrink Veiga: uma recuperação histórica com base em registros da imprensa brasileira* têm o objetivo de contribuir com resgate da trajetória desta importante emissora carioca. Acredita-se que os achados aqui expostos podem auxiliar na construção de uma memória da Rádio Mayrink e também na contextualização do rádio brasileiro como um todo, principalmente pelo ineditismo biográfico de alguns dados encontrados em jornais e aqui apresentados.

Buscou-se compreender nesta monografia, com amparo na economia política da comunicação, o contexto econômico e político do período em que a Rádio Mayrink esteve no ar, entre as décadas de 1920 e 1960. Considera-se, para isto, o desenvolvimento da emissora a partir da expansão dos negócios da família Mayrink Veiga para uma rádio comercial hegemônico dos anos 1930 e 1940, voltado para obtenção de lucro da publicidade, em que o produto era a programação do veículo definida através de hábitos da audiência da época; e analisando também o aproveitamento do alcance de transmissão para propagação política, na primeira metade da década de 1960. A divisão da trajetória da rádio em três fases – anos iniciais, apogeu e anos finais –, mesmo que sem pretensão de se fazer uma periodização, corrobora para esta compreensão das mudanças sociais e mercadológicas da emissora.

Apesar da data da primeira transmissão da Rádio Mayrink Veiga ainda ser uma dúvida a ser esclarecida, este artigo expôs dados publicados em jornais que indicam um funcionamento da emissora anterior a 1926, tido como da sua fundação em documentos oficiais e na literatura existente. No ano anterior, 1925, a estação já transmitia diariamente uma programação que incluía notícias, músicas e palestras com temas diversos. A inauguração oficial aconteceu, segundo reportado em jornais, no dia 7 de dezembro de 1925. Esta foi a data escolhida pela Casa Mayrink Veiga para a realização de um evento especial, mesmo que a emissora daquela loja já transmitisse com certa frequência anteriormente. Com base neste estudo, pode-se aventar que a emissora tenha sido montada inicialmente como uma estação não-regular da Mayrink Veiga & Companhia para demonstração e comercialização de receptores. A partir de 1926, apontam os indícios existentes, a emissora foi regularizada, trocando de nome de Estação Mayrink Veiga para, como suas congêneres da fase de implantação, Rádio Sociedade Mayrink Veiga.

A década de 1930 foi o período áureo da emissora, principalmente após a contratação de César Ladeira para diretor artístico. O **speaker** administrador implantou uma política trabalhista que valorizava os profissionais com contrato exclusivo, e esta medida mudou o cenário

radiofônico do país e passou a ser copiada em outras emissoras. Os maiores artistas da época passaram pela Mayrink. O prestígio da emissora com o público no final daquela década era enorme, levando a rádio a expandir seu conteúdo para as páginas de uma revista própria, a *Pranove*. A hegemonia da emissora durou até a década de 1940, quando a Rádio Nacional, encampada pelo governo de Getúlio Vargas, assumiu o protagonismo do meio. Apesar de esforços para voltar ao topo da preferência do público, a Mayrink não conseguiu mais chegar ao sucesso de antes e encarou crises que fizeram com que suas ações fossem vendidas para outros grupos comunicacionais – entre eles o de Miguel Leuzzi, político que ao adquirir a emissora mudou a característica de programação para uma rádio a serviço de ideologias partidárias lideradas por Leonel Brizola, o que levou a cassação da outorga no início da Ditadura Militar.

Da emissora que se destacou no cenário do rádio do Rio de Janeiro, não sobraram arquivos. Como aponta Márcio Nascimento (2002), após a cassação da outorga, houve um sistemático processo de destruição do acervo da estação, criando-se um lapso na memória cultural do país. Segundo Sônia Virgínia Moreira (2002-2003, p. 47), o prédio onde funcionou a Mayrink havia se transformado, no início do século 21, em “uma garagem totalmente depredada, sem portas, janelas sem vidros, sem pintura, lâmpadas ou qualquer tipo de cuidado” e quem passasse pelo local jamais conseguiria supor que, ali, funcionara uma rádio.

Cabe ressaltar que a ferramenta de busca da Hemeroteca Digital Brasileira foi um importante instrumento para realização deste trabalho, uma vez que os periódicos impressos são fontes essenciais de registro histórico e muitos dados encontrados não poderiam ser localizados de outra forma. Avalia-se que, de modo geral, os objetivos desta monografia, de fazer uma recuperação histórica da Rádio Mayrink Veiga, foram alcançados. Acredita-se, no entanto, que ainda há muitas lacunas abertas e diferentes abordagens que ainda podem ser investigadas em pesquisas futuras, dada a importância desta emissora carioca na história do rádio brasileiro.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACABARAM de ouvir... Acabaram de ver... **Correio de São Paulo**, São Paulo, 5 ago. 1933. p. 6.
- A ESTAÇÃO Mayrink Veiga irradiará o jogo de hoje, em Buenos Aires. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 dez. 1925. p. 1.
- AMANHÃ, na PRA-9. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, 3 set. 1938. p. 50.
- A MAYRINK recupera o seu prestígio. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, p. 12-13/44, 16 jan. 1950.
- A NOITE. **A Noite**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1940. p. 1.
- A NOITE dos vencedores. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 29, 10 set. 1938.
- A NOVA fase da Rádio Mayrink Veiga. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 44, 25 jun. 1949.
- ANTÔNIO Maria, César Ladeira, Haroldo Barbosa, Luiz Jatobá e Martinhos na Mayrink!. **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, p. 48-49, 29 abril 1952.
- A PETROBRÁS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 ago. 1963. p. 4.
- A TV-MAYRINK Veiga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 dez. 1960. p. 3.
- ATUALIDADES da PRA-9. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 31, jun. 1938.
- BRIZOLA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1962. p. 3.
- CABRAL, Sérgio. *A MPB na era do rádio*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CALABRE, Lia. O poder nas ondas do rádio: a construção do Sistema Globo de Rádio. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Miguel Leuzzi**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leuzzi-miguel>>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- CÉSAR Ladeira: como era a "voz da Revolução Constitucionalista"? **Empresa Brasileira de Comunicação**. Brasília, 4 set. 2014. Disponível em <http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2014-09/cesar-ladeira-como-era-voz-da-revolucao-constitucionalista>. Acesso em 29 set. 2018.
- CÉSAR Ladeira, "speaker" da Rádio Record, foi preso. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 21 out. 1932. p. 3.
- CÉSAR Ladeira acha-se ainda detido. **A Gazeta**, São Paulo, 26 out. 1932. p. 6.
- CÉSAR Ladeira deixará a PRA-9. **A Noite**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1948. p. 9.
- CÉSAR Ladeira em Lisboa. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 out. 1948. p. 8.
- CÉSAR Ladeira fala sobre a televisão. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 24 jun. 1948. p. 3 e 5.
- CÉSAR Ladeira foi posto em Liberdade. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 27 out. 1932. p. 3.

- CÉSAR Ladeira, o famoso “speaker” paulista vai emigrar para o Rio de Janeiro. **O Radical**, Rio de Janeiro, 5 ago. 1933. p. 3.
- CÉSAR Ladeira, o “speaker” ma-ra-vi-lho-so. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 36, 3 set. 1938.
- CÉSAR Ladeira, o novo speaker da Mayrink Veiga. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 ago. 1933. p. 2.
- CÉSAR Ladeira no Rio. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 14 ago. 1933. p. 4.
- CONTRATADO pela Rádio Nacional. **A Noite**, Rio de Janeiro, 26 nov. 1948. p. 2.
- CONVITE. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1958. p. 8
- COMO nasceu o Theatro pelos Ares, por Paulo Magalhães. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 3-4, ago. 1938.
- CONCURSO Radiofônico. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 28, 26 mar. 1938.
- CONCURSO dos Melhores de 1942. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 64, 22 nov. 1941.
- CONCURSO dos Melhores do Rádio em 1942. **Fon Fon**, p. 51-54, Rio de Janeiro, 25 fev. 1942.
- CONTEL tira Mayrink do ar porque terminou o prazo para regularizar-se. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 nov.1965. p. 16.
- CHRONICA. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 3, ago. 1940.
- DA RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 8 jan. 1929. p. 4.
- DESCRIPTAS numa reportagem do “speaker” César Ladeira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jul.1933. p. 11.
- DESTINO. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1949. p. 8.
- ERROS de todo mundo. **A Noite**, Rio de Janeiro, 3 dez. 1948. p. 10.
- ESPLÊNDIDO Programa. **A Noite**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1936. p. 18.
- ESTAÇÃO Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1925. p. 6.
- ESTAÇÃO Mayrink Veiga. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 dez.1925. Recorte sem identificação de página.
- ESTAÇÃO Mayrink Veiga. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1926. p. 4.
- ESTES são os melhores de 45. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 15, 24 fev. 1945.
- EXÉRCITO ocupa a Nacional que sofreu vários danos e tira a Mayrink Veiga do ar. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 abril 1964. p. 2.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.
- _____. **Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica**. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (Org.). *Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009. p. 93-112.

_____. **Rádio no Rio Grande do Sul** (anos 20,30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

_____. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil**. Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/418/332.

_____. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, ano 2, v. 3, n.1, jan-jun. 2014, p. 11-20. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/rbhm/ed05/dossie/01.pdf>>.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **A economia política e os estudos de comunicação**. Verso & Reverso, São Leopoldo, ano XXI, n. 48, 2007/3. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5761/5219>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FLAGELLO central e adjacências... **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 27, 30 de abril de 1938.

GRUPO dos Onze. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1964. p. 4.

HAUER, Norma. **Pelas ondas da Mayrink**. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2011.

LADEIRA, o grande “speaker” e sua “festa maravilhosa”. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, p. 25, outubro de 1935.

LACERDA repta o JB e faz denúncias em lançamento de livro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jun. 1963. p. 5.

“LISTÃO” da Petrobrás envolve mais de 2 mil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 16 jun. 1964. p. 2.

LOPES, Saint-Clair. **Radiodifusão hoje**. Rio de Janeiro: Temário, 1970.

MANÉ Brizola. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 out. 1960. p. 4

MASTRANGELO deixou a Mayrink Veiga. **O Radical**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1933. p. 10.

MAYRINK. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 abril 1964. p. 5.

MAYRINK, do samba à política. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 de jul. de 1965, p. 11.

MAYRINK entra no ar com a alegria dos funcionários, depois de calar oito dias. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1965, p. 10.

MAYRINK Veiga. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 mar. 1934. p. 9.

MAYRINK Veiga. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 out. 1936. p. 12.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**, Rio Fundo Ed., 1991.

_____. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998. 174p.

_____. **A porção carioca do rádio brasileiro**. Revista USP, São Paulo: Universidade de São Paulo, dez. 2002-jan.-fev. 2003, p. 42-47.

_____. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

MOSCO, Vincent. **Repensando e renovando a economia política da comunicação**. Perspectivas em Ciência da Informação., Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-114, dez. 1998.

- MUNDO político. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 abril 1964. p. 6.
- NASCIMENTO, Marcio. **PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.
- NOVOS programmas. **A Noite**, Rio de Janeiro, 27 maio 1927. p. 4.
- NOS CÉUS do Brasil os 50kws. da Mayrink Veiga. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, p. 5-7, 12 dez. 1950.
- O ACADÊMICO César Ladeira continua preso. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 27 out. 1932. p. 1.
- O APARECIMENTO de Pranove. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 3, jul. 1938.
- O CARIOCA está ouvindo de perto uma voz bem sua conhecida. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, p. 21, out. 1933.
- O PROGRAMA dos melhores. **A Noite**, Rio de Janeiro, 18 maio 1939. p. 6.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OS ARTISTAS de rádio, em S. Paulo, são miseravelmente pagos, declarou César Ladeira, no Rio. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 15 ago. 1933. p. 4.
- OS CONCERTOS da Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 17 maio 1926. p. 4.
- O ESPLÊNDIDO Programa de Valdo Abreu. **A Noite**, Rio de Janeiro, 28 out. 1932. p. 4.
- OS RUÍDOS do Theatro pelos Ares. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 21, ago. 1938.
- PANORAMA Político. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1947. p. 6.
- PANTOJA, Sílvia. Rosalina Coelho Lisboa. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rosalina-coelho-lisboa-larragoiti>>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- PAULO, Diego Martins Dória. **Leonel Brizola e a Rede do Esclarecimento (1963-1964)**. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Rio de Janeiro, 2016.
- PINHO pede energia para retirar o exército da Rádio Mayrink. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 set. 1962. p. 4.
- POLÍCIA examina cartas recebidas por Brizola. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 abril 1964. p. 5.
- PRA-9 a sua estação, Pranove a sua revista. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 5, jul. 1938.
- PRETENDE montar uma estação televisora no Brasil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 ago. 1948. p. 8.
- PROCESSADO César Ladeira. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 26 jan. 1952. p. 2.
- PROGRAMA da estação Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1925. p. 2.
- PROGRAMAS para hoje. **A Noite**, Rio de Janeiro, 8 ago. 1933, p. 6.
- RÁDIO. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 ago. 1925. p. 10.
- RÁDIO. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 mar. 1948. p. 6.
- RÁDIO e Imprensa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1963. p. 4.

- RÁDIO Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 1 set. 1933. p. 5.
- RÁDIO Mayrink Veiga. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 2 mar. 1948. p. 8.
- RÁDIO Mayrink Veiga fecha hoje por decreto do Governo Federal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 28 jul. 1965. p. 11.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 1º jul. 1926, p. 6.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 13 dez. 1929. p. 4.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1926. p. 8.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga SKIJ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 maio 1926. p. 13.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga S.Q.I.J. **O Malho**, Rio de Janeiro, p. 38, 10 jul. 1926.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 jun. 1932, p. 12.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 31 ago. 1933. p. 5.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 31 ago. 1933. p. 8.
- RÁDIO Sociedade Mayrink Veiga. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1932. p. 12.
- RÁDIO Televisão do Brasil S.A. Aos seus acionistas e ao público. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 19 abril 1950. p. 5.
- RADIVERSAS. Estação Mayrink Veiga. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1926. p. 7.
- REPÓRTER Petrobrás. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 8 de set. 1962. p. 5.
- REPÓRTER Petrobrás. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1962. p. 3.
- SAROLDI, Luis C. **O Rádio e a Música**. Revista USP 80 anos de Rádio, n 56, São Paulo, 2002- 2003.
- SAROLDI, L.C. e MOREIRA, S.V. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a los estudios de la comunicación. In: JENSEN, K.B.; JANKOWSKI, N.W. **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993. p. 211-228.
- SEM fio. Ainda a Grande Exposição do Cassino Beira-Mar. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, maio de 1929, p. 11.
- SEMANA da Pátria na Mayrink Veiga. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 31 ago. 1962. p. 3.
- SERÁ inaugurada hoje a estação Mayrink Veiga. **A Noite**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1925. p. 6.
- Siqueira, Carla. Rádio Mauá. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/radio-maua>. Acesso em 15 nov. 2018.
- STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.
- SUA PRA-9 não descansa. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 3, jun. 1938.
- TAVARES, Reynaldo C. Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Paulus, 1999.

TAVARES, Tânia dos Santos. Grupo dos Onze: a esquerda brizolista (1963-1964). In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, jul. 2015, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis, 2015. 15p. Disponível em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439829367_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf. Acesso 10 nov. 2018.

TELEVISÃO Mayrink será “porta-aviões” na Lagoa R. Freitas. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 9 de jun. 1957. p. 1.

THEATRO pelos Ares. **Pranove**, Rio de Janeiro, p. 12, jun. 1938.

TINHORÃO, José Ramos. Música popular, do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981. 218p.

UMAS e outras. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1962. p. 3.

UM JUSTO apelo à Estação Mayrink Veiga. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1926. p. 7.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da TV**. Porto Alegre: Feplam/RBS, 1979.

VENDIDO um equipamento completo ao sr. César Ladeira. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 set. 1948. p. 4.